

LUAN ROSSETE OLIVEIRA

**ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA DA VIGÍLIA PASCAL:
EUCOLOGIA E RITOS PRÓPRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Aléx Lima
da Silva.

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

Oliveira, Luan Rossete

Espiritualidade litúrgica da vigília pascal: eucologia e ritos próprios / Luan Rossete Oliveira; Orientador: Rafael Aléx Lima da Silva; Florianópolis, SC, 2022.

86 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Vigília Pascal 2. Espiritualidade 3. Liturgia 4. Páscoa.
- II. Título.

Luan Rossete Oliveira

**ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA DA VIGÍLIA PASCAL:
EUCOLOGIA E RITOS PRÓPRIOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 20XX.

Prof. Dr. Nome Completo do Coordenador
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Dedico este trabalho a todas as Comunidades que procuram, com fé e júbilo, celebrar bem a noite santa da Ressurreição do Senhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus Trindade, pelo dom da vida e da vocação, que aos poucos vai se descortinando aos olhos e preenchendo a vida;

aos meus amados pais, por terem cooperado na obra da Criação, por me levarem às águas do Batismo e por terem alimentado minha fé no Senhor Ressuscitado ao longo de todos esses anos;

a Diocese de Lages, na pessoa de Dom Guilherme Werlang, Bispo Diocesano, por todo o auxílio, material e espiritual, bem como pelo incentivo na caminhada;

ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Rafael Aléz Lima da Silva, pelo auxílio valioso, pela ajuda nas orientações e sobretudo pela amizade partilhada;

a todas as pessoas que me ajudaram na elaboração desse Trabalho de Conclusão de Curso, dando ideias para o texto, ajudando nas correções, sendo sinais da presença do Ressuscitado;

a todas as comunidades onde pude, durante os anos de Seminário, celebrar a Vigília Pascal, por me ajudarem a aprofundar minha fé na pessoa de Jesus;

ao povo da minha Paróquia de origem, São Judas Tadeu, por testemunharem a fé batismal na Trindade e me ensinarem a amar o Senhor, com alegria e júbilo de coração;

ao Povo de Deus presente em minha Diocese que, com a partilha do pouco, ajuda na minha manutenção e no meu estudo filosófico-teológico, bem como por toda a oração pelas vocações ao ministério ordenado.

“Ó noite de alegria verdadeira,
que prostra o Faraó e ergue os hebreus,
que une de novo ao céu a terra inteira,
pondo na treva humana a luz de Deus!”

(Exsultet)

RESUMO

O presente Trabalho tem por objetivo geral demonstrar, na liturgia da Vigília Pascal, os elementos espirituais que dela se podem ressaltar, em vista de uma vivência mais profunda e verdadeira do mistério pascal de Cristo. Apresenta-se, em um primeiro momento, a Vigília Pascal na história da Igreja e suas diversas mudanças estruturais ao longo dos séculos, demonstrando as influências teológicas e litúrgicas. Posteriormente, analisam-se, detalhadamente, os ritos e a eucologia da Vigília Pascal, com o viés da espiritualidade pascal, apontando elementos espirituais na estrutura e nos momentos específicos da celebração. Por fim, buscou-se apontar elementos para uma ativa e eficaz participação na celebração da Vigília, coração do ano litúrgico e celebração da ressurreição do Senhor.

Palavras-chave: Vigília Pascal. Espiritualidade. Liturgia. Batismo. Páscoa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Cor – Primeira Carta de são Paulo aos Coríntios
Ap – Livro do Apocalipse
CIC – Catecismo da Igreja Católica
De Cath. – A instrução dos catecúmenos (S. Agostinho)
De Sacr. – Os sacramentos e os mistérios (S. Ambrósio)
EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia
EG – *Evangelii Gaudium* (Papa Francisco)
Ex – Livro do Êxodo
FACASC – Faculdade Católica de Santa Catarina
GeE – *Gaudete et exsultate* (Papa Francisco)
Gl – Carta de são Paulo aos Gálatas
GS – *Gaudium et Spes* (Vaticano II)
Hist. Eccl. – História Eclesiástica (Eusébio de Cesareia)
Jo – Evangelho segundo João
Mc – Evangelho segundo Marcos
Mt – Evangelho segundo Mateus
REB – Revista Eclesiástica Brasileira
RICA – Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
Rm – Carta de são Paulo aos Romanos
SC – *Sacrosanctum Concilium* (Vaticano II)
SCh – *Sources Chrétiennes*
ss. – seguintes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A VIGÍLIA PASCAL NA HISTÓRIA DA IGREJA	21
1.1 A DEFINIÇÃO DE UMA CELEBRAÇÃO ANUAL DA PÁSCOA	21
1.2 A VIGÍLIA PASCAL NO PERÍODO DA PATRÍSTICA	22
1.3 A BULA “SANCTISSIMUS” E A DESCARACTERIZAÇÃO: <i>O SÁBADO DE ALELUIA</i>	27
1.4 REFORMA DE PIO XII (1956).....	29
1.5 MISSAL DE PAULO VI (1975).....	31
2 A VIGÍLIA PASCAL: ESTRUTURA BÁSICA	35
2.1 CELEBRAÇÃO DA LUZ.....	35
2.1.1 Admoestação inicial e Bênção do Fogo	35
2.1.2 O Círio Pascal e sua preparação	37
2.1.3 O canto do <i>Exsultet</i>	38
2.2 LITURGIA DA PALAVRA	40
2.2.1 As sete leituras, os salmos responsoriais e as orações.....	40
2.2.2 Hino de louvor e Oração do dia.....	45
2.2.3 Epístola, canto do Salmo aleluiático e Evangelho.....	47
2.3 LITURGIA BATISMAL.....	49
2.4 LITURGIA EUCARÍSTICA.....	55
2.4.1 Oração sobre as Oferendas e Prefácio	55
2.4.2 Alterações no Cânon Romano (Oração Eucarística I).....	59
2.4.3 Oração depois da Comunhão.....	60
2.5 RITOS FINAIS	61
3 PARA UMA ATIVA PARTICIPAÇÃO NA VIGÍLIA PASCAL 63	
3.1 O HORÁRIO DA VIGÍLIA	63
3.2 A VERDADE DOS SINAIS E DOS SÍMBOLOS DA VIGÍLIA PASCAL	64
3.3 A ESCOLHA DAS LEITURAS E OPÇÕES DE TEXTOS LITÚRGICOS	70
3.4 A VIGÍLIA PASCAL, LUGAR DA INICIAÇÃO CRISTÃ	72
3.5 A PREPARAÇÃO ADEQUADA	74
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso desenvolve o tema: *Espiritualidade litúrgica da Vigília Pascal: eucologia e ritos próprios*. Baseando-se em diversos autores, da Patrística aos autores contemporâneos, e tendo também como base os livros litúrgicos devidamente aprovados pela Igreja, o presente trabalho busca resolver a seguinte problemática: *na liturgia da Vigília Pascal, quais são os elementos que dela se podem ressaltar, para uma vivência mais profunda e verdadeira do mistério pascal de Cristo?*

Os liturgistas da atualidade ressaltam a importância de um resgate da fé a partir da dimensão litúrgico-vivencial, no sentido de que aquilo que se celebra deve ser também transformado em vida, em âmbito comunitário e pessoal. Ou seja, a celebração litúrgica não pode ser fruto apenas de uma organização meramente externa, ou somente ser uma execução de ritos, decorados e sem sentido para a vida de quem está presente na assembleia litúrgica. Antes, é necessário que *a liturgia se torne vida*, a exemplo do que pediu a *Sacrosanctum Concilium*, já no século passado, e que ainda exige tanto esforço, preparação e empenho dos ministros ordenados e dos fiéis.

Todo o Ano Litúrgico culmina na celebração da solenidade mais importante: a Páscoa do Senhor. Todas as demais solenidades, festas e memórias tendem a esse fim e apontam para o seu profundo sentido: *Cristo se entregou, morreu e ressuscitou para nos salvar e nos dar vida nova*. É a partir da festa da Páscoa que todas as outras celebrações ganham sentido, a começar pela celebração dominical, chamada comumente de *Páscoa semanal*, onde os cristãos se reúnem para ouvir a Palavra e repartir o Pão, recordando a ressurreição do Senhor Jesus e reavivando a esperança do retorno escatológico.

Observa-se, em não raros casos, que a grande maioria dos fiéis desconhece a liturgia da Vigília Pascal, não raras vezes celebrada como uma missa dominical antecipada para o sábado, composta de alguns ritos diversos, mas sem ter o destaque e a importância que lhe são devidos. Desconhecendo, não podem amar com fervor essa celebração importantíssima na vida da Igreja. Assim, é preciso que haja quem se dedique ao estudo dessa singular solenidade, fazendo com que chegue às pessoas a catequese e o conhecimento adequados para a fecunda vivência litúrgica e orante.

Outra dificuldade que se observa, em muitas comunidades, e que não é exclusiva da Vigília Pascal, é a *falta de formação litúrgica* dos ministros envolvidos em tal celebração. Até se sabe o que se deve fazer,

o que se deve preparar, como se devem organizar e estruturar os pormenores, mas raramente os envolvidos conhecem o sentido profundo, místico e teológico. Correm-se, assim, dois riscos: o risco de tornar a belíssima liturgia pascal em um todo “mecânico”, numa simples sucessão de ritos (executados com perfeita maestria, mas sem o conhecimento do sentido), tornando a celebração litúrgica um teatro (muito bem ensaiado, mas sem mergulhar no mistério profundo do que a celebração significa), e o risco de querer reduzir a vivência do mistério às orientações pastorais, teológicas e místicas, introduzindo comentários a toda hora durante as celebrações, sem deixar o próprio mistério falar por si.

A participação parcial no Tríduo, por exemplo, é um fato observado na realidade brasileira. Compreender as celebrações como *um todo, contínuo e orgânico*, é bastante difícil para muitas pessoas. A demora da missa da Vigília, os complicados ritos que, aparentemente, não fazem muito sentido (se não se conhece o sentido mais profundo), a dificuldade de compreender os sinais (o Círio, o Fogo/Luz, a Água do Batismo) são elementos bastante difíceis de trabalhar em nível pastoral, principalmente com as pessoas que não se envolvem muito na vida da comunidade, mas que participam da assembleia litúrgica. O presente Trabalho aponta a relevância da reflexão sobre a Vigília Pascal em quatro âmbitos: eclesial, formativo, litúrgico e vivencial.

Em caráter eclesial, compreender bem a espiritualidade profunda da celebração mais importante do Ano Litúrgico ajuda a comunidade cristã a se edificar, sendo um sinal cada vez mais verdadeiro e vibrante da presença do Ressuscitado no meio de seu povo, conforme a sua promessa logo que subiu aos céus. Compreender a Páscoa como *a festa da Igreja por excelência* é celebrá-la de coração purificado, rezando com toda a consciência em todos os momentos.

No âmbito da formação cristã, estudar os ritos e a eucologia da Vigília ajuda o cristão a compreender o mistério pascal em toda a sua amplitude, abarcando toda a história da Salvação, de Adão ao fim dos tempos. Se uma pessoa cristã compreende o que celebra, poderá então anunciar aos outros as maravilhas de Jesus Ressuscitado com mais ênfase e alegria, pois celebrou na fé o que aconteceu há tantos séculos: *aquele que morreu está vivo para sempre*.

Liturgicamente, estudar a Vigília Pascal enriquece o pesquisador em muitos aspectos, porque fornece as bases de toda a celebração litúrgica da Igreja, que tem sua base e seu culminar na celebração da noite pascal, ajuda na compreensão do todo que compõe o Tríduo Pascal, os dias centrais da fé cristã, que apontam para a celebração da Vigília de Páscoa e fortalece a fé e a crença na pessoa do Ressuscitado.

O primeiro capítulo fará um apanhado geral da história da Vigília Pascal, desde o seu surgimento até a reforma promovida pelo Concílio Vaticano II. O segundo capítulo apresentará uma análise dos ritos e da eucologia da Vigília, apontando neles os elementos espirituais que advêm dessa celebração. O terceiro capítulo, por fim, tratará de questões pastorais relevantes, para que a Vigília Pascal tenha a devida relevância no decurso do ano litúrgico.

Consideradas a realidade e as necessidades da Igreja no âmbito da *lex orandi*, especialmente entre os fiéis leigos, e considerada a vivência cotidiana das comunidades, esse assunto é relevante e muito necessário para a edificação de uma Igreja mais fiel a Jesus, que ressuscitou para salvar toda a humanidade. A partir da realidade e da prática litúrgica das comunidades cristãs, com tantas mudanças ocorridas na celebração da Vigília Pascal ao longo dos séculos, o presente estudo busca contribuir para a compreensão da espiritualidade litúrgica da *Mãe de todas as Vigílias*.

1 A VIGÍLIA PASCAL NA HISTÓRIA DA IGREJA

O primeiro capítulo do presente trabalho se debruçará a apresentar a Vigília na história da Igreja e suas diversas mudanças estruturais ao longo dos séculos. Como é uma das mais antigas celebrações eclesiais, sofreu inúmeras mudanças no decorrer da história litúrgica e da própria Igreja enquanto tal. É importante conhecer a história dessa celebração a fundo, antes de apontar os elementos de espiritualidade que estão nela presentes, pois cada época deu sua contribuição a esse rico tesouro da Igreja, a noite batismal, a vigília mais importante de todo o ano litúrgico.

1.1 A DEFINIÇÃO DE UMA CELEBRAÇÃO ANUAL DA PÁSCOA

Já no séc. II, a celebração anual da Páscoa era comemorada, na Ásia Menor, no dia quatorze do mês de Nisã, o primeiro dos meses judaicos, dia em que os judeus comemoravam a Páscoa do Êxodo. O costume de unir as duas celebrações, fazendo a referência à morte e à ressurreição de Jesus, surgiu também para ressaltar a substituição da Páscoa judaica pela Páscoa de Cristo. O dia 14 de Nisã era dia de jejum para aquela Igreja, e o jejum era concluído com a celebração da Eucaristia ao fim de uma longa vigília, que durava toda a noite entre os dias quatorze e quinze. Não importasse o dia da semana em que 14 de Nisã caísse, era sempre celebrado como o dia da Páscoa; as demais igrejas, como a Igreja de Roma, celebravam sempre no domingo posterior à data de 14 de Nisã.¹

Eusébio narra a problemática, que se estendeu para toda a Igreja: “Por conseguinte, realizaram-se sínodos e assembléias [sic] [...] publicaram por carta um decreto [...], declarando que o mistério da ressurreição do Senhor não fosse jamais celebrado senão no domingo”.² A partir de então, determinou-se para toda a Igreja a celebração de uma Páscoa anual no domingo seguinte à data de 14 do primeiro mês judaico. Segundo Augé, a Páscoa ser celebrada num domingo é fruto de uma prática que se firmou no séc. III.³

Entretanto, há controvérsias da parte de alguns autores, afirmando que a problemática sobre uma data fixa perdurou por séculos. Todo o

¹ AUGÉ, Matias. **Ano Litúrgico**: é o próprio Cristo presente na sua Igreja. Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 131.

² EUSÉBIO DE CESAREIA, **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000, p. 268; *Hist. Eccl.* V,23,2. Optou-se, neste trabalho, por manter a ortografia do texto original.

³ AUGÉ, 2019, p. 133.

processo de datar a Páscoa fora do dia 14 de Nisã tinha como fundo o desligamento total com o judaísmo, apresentando-se, deste modo, como uma *religio* totalmente outra. Não há fortes indícios, excetuadas as referências de Eusébio de Cesareia, sobre uma definição universal da data fixa de Páscoa no Concílio de Niceia. Havia um desejo de que ela fosse celebrada uniformemente por toda a Igreja, numa mesma data:⁴ “Houve controvérsias no séc. II [...] havia acôrdo [sic] quanto ao sentido da festa; tratava-se de nada menos do que da Redenção”.⁵

1.2 A VIGÍLIA PASCAL NO PERÍODO DA PATRÍSTICA

As informações que existem sobre a estrutura da celebração de uma Páscoa anual, precedida por uma vigília que perdurava por toda a noite, quando aconteciam os batismos e se concluía com a celebração da Eucaristia, são retiradas de relatos que provêm da Ásia Menor e da Síria, nos séculos II e III da era cristã.⁶

Cattaneo ressalta que, nos inícios, a Vigília iniciava em meio ao jejum, que variava de região para região (algumas Igrejas tinham um jejum de 40 dias, excluídos sábados e domingos; outras começavam o jejum seis dias antes, na *Grande Semana*), mas durante a Sexta-feira Santa e o sábado tornou-se obrigatório, até o início da vigília. Era uma celebração iluminada pela lua cheia e pelas velas e lamparinas, fato que é testemunhado pelos Padres. Já existia uma liturgia da Palavra que trazia um apanhado resumido da história da salvação, desde a Criação. Depois da homilia, havia o costume da administração do batismo, que era administrado principalmente aos adultos; era administrado no batistério, que ficava anexo à igreja, perto da porta, por se tratar de uma espécie de “piscina”. Em alguns lugares, existia o costume de lavar os pés após o

⁴ AMADOR, Cássio Henrique dos Santos; BELMAIA, Nathany Andrea Wagenheimer. O Concílio de Niceia definiu a regulamentação da data da Páscoa no século IV? **Temporalidades** – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 35, v. 13, n. 1 (Jan./Jun. 2021), p. 722. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/33188>>. Acesso: 11 set. 2021.

⁵ JEAN-NESMY, D. Claude. **Espiritualidade Pascal**. Trad. Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulinas, 1966, p. 140.

⁶ AUGÉ, 2019, p. 134.

rito batismal. Após o batismo, os neófitos, de vestes brancas, entravam na igreja para participar da Eucaristia, clímax da Vigília.⁷

Egéria,⁸ uma peregrina que acompanhou as celebrações pascais na Terra Santa no século IV, traz uma narração rudimentar sobre a noite de Páscoa. Segundo ela, o sábado de Páscoa era o grande dia de jejum. Durante a celebração noturna, os neófitos, assim que eram batizados, saíam da fonte batismal já vestidos e eram acompanhados pelo bispo, ao som de um hino; posteriormente, fazia-se uma oração presidencial em favor dos recém-batizados. Entravam na igreja, onde o povo estava esperando em vigília; celebrava-se a *oblação* (Eucaristia) e se despedia o povo.⁹

O jejum pascal, que antecedia a celebração da Vigília, também era um costume. Já herdado dos judeus, que faziam um jejum (embora bem pouco extenso) para preparar a Páscoa, o jejum era diferente nas diversas partes da Igreja. Em Roma, consistia de dois dias (embora a *Tradição Apostólica* reservasse o direito de os doentes jejuarem por um só dia); a *Didascália Siríaca* prescrevia o jejum durante toda a semana que antecede a Páscoa; os quartodecimanos jejuavam no dia 14 de Nisã e estendiam-no até o amanhecer do dia seguinte.¹⁰

⁷ CATTANEO, Enrico. La celebrazione liturgica della Pasqua nella Chiesa antica. **La Civiltà Cattolica**. Caderno 4099, p. 20-31, 2021, vol. II, não paginado. Disponível em: <<https://www.laciviltacattolica.it/articolo/la-celebrazione-liturgica-della-pasqua-nella-chiesa-antica/>>. Acesso: 01 abr. 2022.

⁸ Egéria (séc. IV) tem uma identidade bastante difícil de ser definida. Alguns afirmavam que ela era Galla Placidia, filha de Teodósio, hipótese que não obteve crédito. Posteriormente, Gamurrini afirmou que era Silvia, irmã de Flávio Rufino, que foi prefeito da grande Constantinopla no fim do séc. IV, uma identificação bem mais plausível. Sua peregrinação também tem como ponto de partida um local incerto: ou o sul da Gália (Aquitânia) ou a Galícia. Existem fortes indícios que se tratava de uma freira; entretanto, a viagem que fez necessitava de muitos recursos, e não estaria ao alcance de uma pessoa que levasse vida ascética. Uma das hipóteses mais prováveis é que Egéria fosse membro de uma comunidade, da qual as damas da sociedade faziam parte. (BASSETTO, Bruno Fregni; MARTINS, Maria Cristina. **Peregrinação de Egéria**: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos. Uberlândia: EDUFU, 2017, p. 25-27. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_egeria_2017_0.pdf>. Acesso: 11 set. 2021.)

⁹ BASSETTO, Bruno Fregni; MARTINS, Maria Cristina. **Peregrinação de Egéria**: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos. Uberlândia: EDUFU, 2017, p. 203. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_egeria_2017_0.pdf>. Acesso: 11 set. 2021.

¹⁰ AUGÉ, 2019, p. 134.

Melitão de Sardes (séc. II), em sua *Homilia sobre a Páscoa*, ressalta elementos importantes da celebração pascal; embora não traga elementos básicos da vigília, a sua reflexão tipológica sobre o texto da passagem do Mar Vermelho, no livro do Êxodo, é rica em simbologia e espiritualidade:

Muitas coisas foram preditas pelos profetas sobre o mistério da Páscoa, que é Cristo [...]. Foi ele que venceu a morte e confundiu o demônio, como outrora Moisés ao faraó. Foi ele que destruiu a iniquidade e condenou a injustiça à esterilidade, como Moisés ao Egito. Foi ele que nos fez passar da escravidão para a liberdade, das trevas para a luz, da morte para a vida, da tirania para o reino sem fim, e fez de nós um sacerdócio novo, um povo eleito para sempre. Ele é a Páscoa da nossa salvação.¹¹

A *Didascália Siríaca* traz uma narração um pouco mais apurada sobre a celebração da noite de Páscoa:

Durante toda a noite, ficai reunidos juntos, acordados e em vigília suplicando e rezando, lendo os Profetas, o Evangelho e os salmos [...] ofereci os vossos sacrifícios, e então comei e alegrai-vos, [...], pois Cristo ressuscitou.¹²

A *Tradição Apostólica* traz uma descrição detalhada do rito da iniciação cristã. Depois de um apurado escrutínio, os que foram escolhidos para o Batismo recebiam a imposição das mãos, todos os dias, pedindo a libertação do mal (exorcismo). Havia o costume de banhar-se um dia antes de receber o Batismo. No sábado, faziam jejum durante todo o dia e, posteriormente, reuniam-se com o bispo em um local apropriado; ali, eram “exorcizados”, marcados com o sinal da Cruz nos ouvidos, narinas e fronte, e permaneciam *durante toda a noite em oração*. O bispo dava graças sobre dois tipos de óleo, o *óleo de ação de graças* e o *óleo de exorcismo*. Depois de renunciar a Satanás, eram ungidos com o óleo do

¹¹ MELITÃO DE SARDES. *Homilia sobre a Páscoa* (séc. II), n. 65-71: Sch 123,94-100 apud CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas**. Aparecida: Editora Santuário, 2000, vol. II, p. 400.

¹² AUGÉ, 2019, p. 136.

exorcismo e eram batizados. Dentro das águas batismais, eram interrogados sobre a sua fé na Trindade, e aquele que batizava os mergulhava três vezes (conforme a profissão de fé). Saindo das águas, eram novamente unguídos (com o óleo de ação de graças) e, depois de enxutos e vestidos, entravam na igreja. Eram em seguida confirmados, com a marca da Cruz na frente e recebiam o abraço da Paz. A Eucaristia seguia, e os neófitos recebiam pela primeira vez o Sacramento.¹³

Essa descrição da *Tradição Apostólica*, bastante detalhada e rica de significados, explicita o processo de iniciação no séc. IV da era cristã. O Concílio Vaticano II restaurou o *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*, fato que clarifica a importância do Batismo na teologia conciliar. A Igreja do pós-concílio esforçou-se por recuperar todos esses elementos batismais primitivos, muitos dos quais haviam caído em desuso. O novo Ritual (RICA) traz a orientação de que a iniciação se faça, preferencialmente, na celebração da Vigília Pascal.¹⁴

Os materiais mais ricos e profundos de espiritualidade acerca da noite pascal no período patrístico são as *catequeses batismais*, que eram dadas na semana da oitava pascal concluída com o domingo *in albis*, o primeiro após o de Páscoa.

Santo Ambrósio, bispo de Milão, faz uma catequese detalhada sobre a celebração do Batismo, com elementos e detalhes riquíssimos da celebração:

O que fizemos sábado? A abertura: esses mistérios da abertura foram celebrados quando o sacerdote tocou os teus ouvidos e tuas narinas [...]. Um levita foi te acolher, um presbítero foi te acolher. Foste unguído como atleta de Cristo, como se fosses entregar-te à uma luta neste mundo, fizeste profissão de te entregar à luta [...] renunciaste ao mundo, renunciaste ao século. [...] O sacerdote vem, reza junto à fonte, invoca o nome do Pai, a presença do Filho e do Espírito Santo (cf. Jo 1,18), usa palavras celestes. Palavras celestes, porque são de Cristo, dizendo que batizemos “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). [...] Saíste da fonte. O que aconteceu depois? Ouviste a leitura. O sacerdote revestiu suas vestes [...]

¹³ HIPÓLITO. *Tradição Apostólica*. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 51-54; II,44-56.

¹⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2001, p. 93, n. 208.

revestido de suas vestes, eu dizia, o sumo sacerdote te lavou os pés.¹⁵

Ambrósio ainda comenta que, na Igreja de Roma, lavar os pés não era um costume. Segue dando aos catecúmenos o sentido do que haviam celebrado na noite batismal:

Depois disso, vem o selo espiritual do qual ouviste hoje na leitura. Depois da fonte, resta ainda ser feita a perfeição, quando, pela invocação do sacerdote, infunde-se o Espírito, o Espírito da sabedoria e da inteligência, o Espírito do conselho e da força, o Espírito do conhecimento e da piedade e o Espírito do temor santo [...]. O que vem depois disso? Podes aproximar-te do altar. Porque te aproximas, podes ver o que antes não vias.¹⁶

Agostinho escreve uma obra inteira dedicada ao sacramento do Batismo, mas não faz muitas referências claras sobre o Batismo na Vigília Pascal. Em uma carta endereçada a Januário, usa a expressão *Sacratíssimo Tríduo do crucificado, do sepultado e do ressuscitado* para definir os dias centrais da fé cristã.¹⁷

Em sua obra *A Instrução dos Catecúmenos*, Agostinho adverte que, após a explanação das verdades de fé, o catecúmeno deve ser interrogado se crê firmemente ou não nessas afirmações. Credo, deve ser *marcado*; ou seja, passa pelos ritos próprios do catecumenato antes do banho batismal.¹⁸ Segundo Paiva, a catequese na época de Agostinho era uma verdadeira *pastoral* que atingia os que desejavam entrar no Caminho, ou seja, na vida cristã. Essa obra em especial destinava-se aos que vinham do paganismo e procuravam informações sobre a fé cristã. Somente depois do batismo na noite pascal, é que os neófitos eram introduzidos a respeito dos sacramentos.¹⁹ Percebe-se, assim, a

¹⁵ AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os Sacramentos**. Trad. Célia Mariana F. F. da Silva. São Paulo: Paulus, 1996, p. 17-27.

¹⁶ AMBRÓSIO DE MILÃO, 1996, p. 17-27.

¹⁷ AUGÉ, 2019, p. 143.

¹⁸ AGOSTINHO DE HIPONA. **A instrução dos catecúmenos**. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 148; *De Cath.*, II, XXVI, 50.

¹⁹ PAIVA, Hugo de V. Introdução. In: AGOSTINHO DE HIPONA. **A instrução dos catecúmenos**. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 16-17.

preocupação que já existia na Igreja primitiva acerca da instrução àqueles que desejavam receber o Batismo.

São Cirilo de Jerusalém, com lirismo e linguagem tipológica, diz aos neófitos de sua comunidade: “[...] é necessário ensinar-vos com precisão, para penetrardes o sentido do que se passou convosco nesta noite batismal”.²⁰ Cirilo faz uma descrição rica de detalhes, para rememorar o rito batismal pelo qual passaram os catecúmenos: a renúncia a Satanás, a profissão de fé, o despojamento das vestes, a unção com óleo exorcizado, a imersão na piscina batismal, concluindo com uma reflexão sobre os efeitos místicos de tudo aquilo que foi celebrado na noite pascal.²¹

Percebe-se, assim, uma estruturação construída passo a passo da celebração da noite pascal, até chegar ao esqueleto básico da celebração vigiliar que é possível encontrar no séc. VII: celebração da Palavra, celebração do sacramento do Batismo, celebração da Eucaristia.²² Esta é a estrutura que, ao longo dos séculos subsequentes, foi sendo aprimorada, conforme a realidade e a concepção litúrgicas do período medieval.

1.3 A BULA “SANCTISSIMUS” E A DESCARACTERIZAÇÃO: O SÁBADO DE ALELUIA

É o Papa Pio V que, através da bula *Sanctissimus* (29 de março de 1566), proíbe expressamente qualquer celebração de missa depois do meio-dia. Obviamente, a celebração da Vigília Pascal não foi uma exceção, sendo deslocada para as primeiras horas matinais.²³ Mas essa não foi uma decisão unilateral por parte do papa Pio V. Denis Gagnon afirma que já no século VI a Igreja começa a regredir a hora da Vigília Pascal, tirando totalmente o sentido das palavras que se cantam no *Precônio*²⁴: *ó noite de alegria verdadeira*. A proibição do Papa Pio V dizia respeito às celebrações realizadas no período da tarde, causando assim a descaracterização da Vigília. O Papa Urbano VIII, em 1642, retira a obrigação de participar nos dias santos, colocando ainda mais em risco a celebração da Vigília, que rapidamente se tornou obsoleta, até que Pio

²⁰ CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Trad. Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 32.

²¹ CIRILO DE JERUSALÉM, 2020, p. 34- 45.

²² AUGÉ, 2019, p. 149.

²³ AUGÉ, 2019, p. 151.

²⁴ A Proclamação da Páscoa (*Exsultet*) é também conhecida como Precônio Pascal.

XII a restaurasse.²⁵ Explica-se, assim, a razão da antecipação das horas para a Vigília Pascal:

[...] austeridade do jejum que durava desde a tarde da quinta-feira até a noite santa da Páscoa, bem como à generalização da prática do batismo de crianças [...] chegando, no século XII, à manhã mesma do Sábado Santo.²⁶

O Decreto Geral com o qual se aprovava a reforma de 1956, encabeçada pelo movimento litúrgico e acolhida por Pio XII, afirma que durante a Idade Média se começou a antecipação da hora da Vigília Pascal para as horas da manhã. A narrativa do Evangelho e o detrimento de seu sentido profundo em relação à liturgia foram sinais de que a belíssima Vigília da Páscoa havia sido descaracterizada. Perdendo-se o sentido das orações proferidas *na noite* e os símbolos de *luz*, o sábado santo, até então silenciosa comemoração da sepultura de Jesus e de sua descida à mansão dos mortos, é invadido pela alegria da Páscoa.²⁷

A Vigília começou a ser degenerada no seu sentido noturno, tão próprio e característico desta liturgia; foi sendo cada vez mais antecipada. Primeiro para as horas vespertinas, depois para o meio-dia e, por fim, na manhã do sábado santo. Assim, “[...] seu maravilhoso simbolismo foi sobremaneira empobrecido, bem como foi perdida sua beleza originária e o sentido dos ritos”.²⁸

Entende-se, outrossim, porque o Sábado Santo foi, a partir de então, conhecido como *Sábado de Aleluia*: como o jejum já havia sido encerrado, por causa das festas pascais celebradas na manhã, o Sábado não era mais o dia da sepultura do Senhor. Perdia, assim, seu simbolismo teológico profundo: “Que está acontecendo hoje? Um grande silêncio reina sobre a terra. [...] Deus morreu na carne e desperto a mansão dos

²⁵ GAGNON, Denis. La mère de toutes les saintes veillées. **Vivre et célébrer**. Revue de pastorale liturgique et sacramentelle. Printemps: v. 52, n. 231, p. 36-38, 2018, p. 38. Disponível em: <https://www.cccb.ca/wp-content/uploads/2018/04/231-vetc_printemps_2018.pdf>. Acesso: 06 nov. 2021.

²⁶ MONSANI, Jefferson. **Vigília pascal**: história e mistagogia. São Paulo: Loyola, 2022, p. 34.

²⁷ LITURGIA da Semana Santa restaurada. Trad. D. Hildebrando P. Martins, D. Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1956a, p. 10-11.

²⁸ MONSANI, 2022, p. 33-34.

mortos.”²⁹ Toda a simbologia do Sábado Santo como dia sem a celebração da Eucaristia, com seu sentido de esperança e de vigilância e o profundo silêncio, foi abandonado, descartando, assim, o sentido místico e espiritual da própria celebração da Páscoa: Jesus morreu e ressuscitou, mas esteve no sepulcro.

1.4 REFORMA DE PIO XII (1956)

O costume de celebrar a Vigília durante o dia perdurou até Pio XII publicar o *Ordo Hebdomadae Sanctae Instauratus*. Foi instaurada uma liturgia já em 1951, para que os Ordinários celebrassem como experiência. Depois, passando por reformas e adaptações, o *Ordo* foi tornado obrigatório para toda a Igreja, a partir do domingo de Ramos do ano de 1956, que naquele ano caiu no dia 25 de março. No que concerne à Vigília Pascal, restaurou-se o seu horário noturno, “devolvendo” ao Sábado Santo seu caráter de silêncio, abstendo-se a Igreja do sacrifício eucarístico. Na Vigília restaurada, foi destacado o símbolo do círio pascal, como sinal evidente de Cristo Luz; o canto do *Exsultet* ressalta as maravilhas da noite da ressurreição; as leituras rememoram toda a história da salvação; o batismo recorda a dinâmica sepultado-ressuscitado de cada cristão; posteriormente, celebrava-se a Eucaristia.³⁰

Sobre as motivações que levaram Pio XII a restaurar o horário da Vigília Pascal ao seu original, ou seja, no meio da noite, Monsani afirma as seguintes: “[...] atendendo ao pedido de algumas Conferências Episcopais e em atenção ao ardente desejo do Movimento Litúrgico de que essa celebração retomasse seu devido lugar no plano da temporalidade”.³¹ Um dos desejos da reforma era que os mistérios fossem celebrados temporalmente aproximados à hora que aconteceram; por exemplo, celebrar a Vigília Pascal no sábado pela manhã tirou do Sábado Santo seu elemento de silêncio, meditação e alegre espera.³²

No âmbito das orientações práticas, deu-se o aprovo ao costume de preparar o círio anteriormente, com as inscrições coloridas, orientando-se que o clero e o povo tivessem as velas acesas durante o

²⁹ DE uma antiga Homilia no grande Sábado Santo (PG 43,439.451.462-463), séc. IV in CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas**. Aparecida: Editora Santuário, 2000, vol. II, p. 439.

³⁰ LITURGIA..., 1956a, p. 10-11.

³¹ MONSANI, 2022, p. 34.

³² CATTANEO, 2021, não paginado.

Precônio e a renovação as promessas do Batismo. Orientou-se que se fizesse uma ornamentação especial para o vaso onde a água seria abençoada, bem como que a celebração dos ritos anteriores à profissão de fé batismal se fizesse na manhã do sábado, principalmente se fossem muitos os batizados. A hora própria da celebração da liturgia eucarística na Vigília Pascal seria depois da meia-noite.³³

A estrutura da Vigília, entretanto, tem mudanças significativas em comparação à que a Igreja hoje celebra. O presidente iniciava a vigília com paramentos roxos, que mudavam-se para brancos posteriormente; não havia introdução, abençoava-se o fogo novo e preparava-se o círio. Havia uma *bênção específica para o círio*. Os ritos iniciais seguiam-se até o fim do *Præconium Paschale*. Na Liturgia da Palavra, as leituras eram quatro: a Criação (Gn 1,1-2,1-2), a passagem pelo Mar Vermelho (Ex 14,24-31.15,1), uma leitura profética (Is 4,2-6) e um texto do Pentateuco (Dt 31,22-30). Com exceção da primeira leitura, todas as demais eram seguidas de responsório, chamado *canticum*.³⁴

Um elemento curioso é a presença do *flectamus genua* (ajoelhemos) após a leitura, antes da oração proferida pelo presidente. Outro elemento bastante diverso é o Rito Batismal localizado depois das quatro leituras: a *Ladainha de todos os Santos* (primeira parte), a *Bênção da Água Batismal*, que continha o rito de infusão dos Óleo dos Catecúmenos e do Crisma na própria água, a renovação das promessas do Batismo e a aspersão da água. As rubricas não trazem nenhuma indicação sobre a celebração do rito do Batismo dentro da própria vigília. Depois da aspersão da água, os ministros iam para a sacristia para trocar os paramentos roxos pelos brancos; neste meio-tempo, acendiam-se as velas do altar e colocavam-se as flores.³⁵

A introdução da renovação das promessas batismais merece destaque, pelo seu conteúdo bíblico retirado das cartas paulinas:

Pelo Batismo porém, conforme ensina o Apóstolo, fomos com Cristo sepultados na morte; e assim como Cristo ressuscitou dos mortos, é preciso que andemos numa vida nova; sabendo que o nosso velho homem foi crucificado com Cristo, para não mais servirmos ao pecado. Consideremo-nos,

³³ LITURGIA..., 1956a, p. 10-11.

³⁴ ORDO Hebdomadæ Sanctæ Instaurationis. Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1956b, p. 102-120.

³⁵ ORDO..., 1956b, p. 136-141.

portanto, mortos para o pecado, vivos, porém, para Deus em Jesus Cristo Nosso Senhor.³⁶

Depois dos ritos batismais, começava-se, então, a “Missa” da Vigília da Páscoa. Entoava-se solenemente o *Kyrie eleison* e o hino do *Gloria in excelsis Deo*. A Epístola era retirada da carta de São Paulo aos Colossenses (3,1-4) e entoava-se o *Alleluia* com a sua antífona (Sl 117,1). O Evangelho era sempre segundo Mateus (28,1-7). Após a comunhão, cantava-se o *Benedictus*, emendando a missa da Vigília com as Laudes do Domingo de Páscoa. Concluía-se com a despedida solene, a bênção final e se omitia o Evangelho segundo João, que em todas as missas era proferido.³⁷

Até essa reforma, existia um costume em relação à liturgia da luz que iniciava a vigília: era uma vela de três braços que transmitia a luz ao círio pascal, um costume que foi herdado de Jerusalém e existia desde o séc. XIII. Este costume foi supresso por Pio XII, no decreto *Dominicae Resurrectionis*.³⁸ No antigo ritual, o círio pascal já permanecia em sua estante, ao lado do ambão; era esse outro círio que trazia a luz à vela pascal. O costume fazia referência à ideia de que a ressurreição era uma obra da Santíssima Trindade.³⁹

1.5 MISSAL DE PAULO VI (1975)⁴⁰

Atendendo ao apelo de reforma litúrgica que o Concílio Vaticano II pediu que se realizasse na Igreja, o novo Missal, publicado no pontificado de Paulo VI trouxe bastante mudanças à celebração da Vigília Pascal. Pedia a *Sacrosanctum Concilium*: “A Igreja deseja fazer quanto antes uma reforma litúrgica geral, para que o povo cristão aproveite

³⁶ LITURGIA..., 1956a, p. 208.

³⁷ LITURGIA..., 1956a, p. 212-218.

³⁸ MONSANI, 2022, p. 32.

³⁹ CARUSI, Stefano. **La riforma della Settimana Santa negli anni 1951-1956**, não paginado. Disponível em: <<http://www.unavoce-ve.it/04-10-9.htm#8>>. Acesso: 01 abr. 2022.

⁴⁰ Para este trabalho, foi utilizada a versão brasileira da 2ª edição típica do *Missale Romanum*, mesmo que a 3ª edição típica já tenha sido aprovada pela Santa Sé, em Latim; entretanto, no Brasil, ainda segue-se utilizando a 2ª edição, até que a tradução esteja completa. Há de se destacar que a 1ª edição típica é de 1970. Porém, logo substituída pela de 1975. Esta, de fato, foi a edição que fez história.

melhor as riquezas de graça contidas na liturgia”.⁴¹ Assim, toda a liturgia passou por uma grande reforma, a fim de que o povo fiel conseguisse celebrar mais e melhor os mistérios de sua fé no Ressuscitado. Com a Vigília Pascal não foi diferente.

A estrutura da Vigília sofreu mudanças significativas, se comparada à celebração anterior, aprovada pelo Papa Pio XII. A primeira, e talvez mais significativa, é que a Vigília é entendida já como celebração do *Domingo de Páscoa*. Uma das rubricas introdutórias ao rito diz: “Mesmo celebrada antes da meia-noite, a Missa da vigília é a verdadeira Missa do domingo da Páscoa”.⁴² Compreendida, assim, como celebração *dominical*, a Vigília ganha um destaque importantíssimo na liturgia. Tudo nela aponta para a luz que brota do Ressuscitado, que brilha no meio da noite escura. A penumbra, o escuro e o silêncio lembram a *passagem* de Jesus que, morto, agora vive ressuscitado. Também tem o caráter de *vigilância*, à semelhança daqueles que trazem lamparinas acesas, esperando seu Senhor voltar.⁴³

Uma das mudanças feitas foi a união de toda a liturgia Batismal, colocada após a liturgia da Palavra, pois no *Ordo* anterior a liturgia da Palavra era interrompida pelas ladainhas, pela bênção da água e pela renovação das promessas batismais.⁴⁴ Também mudaram as leituras; de seis que eram feitas (quatro do Antigo Testamento, um trecho da epístola aos Colossenses e o Evangelho segundo Mateus), passaram a ser nove (sete do Antigo Testamento, um trecho da epístola aos Romanos e o Evangelho conforme o ano litúrgico corrente). Todas essas são respondidas com salmos, com exceção do Evangelho.⁴⁵

É preciso ressaltar que, no novo Missal, a celebração da Vigília se reveste de um caráter eminentemente festivo, que segue uma estrutura ascensional, desembocando na celebração dos mistérios eucarísticos. Por

⁴¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: REGINATTO, Flávia (Dir. Geral). **Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**, 2. ed., trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 148; SC 21.

⁴² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992, n. 4, p. 270.

⁴³ AUGÉ, 2019, p. 172.

⁴⁴ LITURGIA..., 1956a, p. 100ss.

⁴⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 279-283; LITURGIA..., 1956a, p. 185-215.

isso, a Vigília é um todo:⁴⁶ da celebração da luz, proclamando a vitória do Ressuscitado, segue-se à Liturgia da Palavra, manifestando a presença de Deus na história da salvação. A Liturgia Batismal acolhe na fé cristã os novos membros e, com plena alegria e consciência, a Igreja celebra o *mistério de sua fé*.

Esta celebração aponta para o auge da fé cristã:

Tal é o fim essencial da vigília pascal: Bem sabemos que Cristo ressuscitou! Ressuscitou todos os dias desde o primeiro dia de sua Ressurreição. Não há mais que voltar sobre [sic] isso: “*Cristo uma vez ressuscitado não morre mais*”. É um fato indubitável. Mas se tudo foi resolvido desde que Jesus aceitou morrer e ressuscitar, nada, noutro sentido, foi ainda realizado, enquanto cada um de nós a êle [sic] não se associar. É nosso vínculo com a Paixão e a Ressurreição do Senhor que tornará êstes [sic] mistérios efetivos e eficazes para nossa própria salvação.⁴⁷

Com a reforma da Vigília Pascal, mas já desde os inícios da Igreja, esta celebração ressalta, além da *redenção*, a *libertação*; assim como o povo da Antiga Aliança foi libertado da escravidão do Egito, agora o povo da Nova Aliança, a Igreja-Povo de Deus é libertada da escravidão da morte e do pecado. É precisamente por isso que a Vigília sempre foi e é o momento mais indicado para a celebração dos Sacramentos da Iniciação Cristã; mergulhado na morte e ressuscitado com Cristo, o neófito é confirmado e recebe o seu Espírito para anunciar o Evangelho. Assim, inserido na vida nova, o neófito pode, enfim, participar do banquete eucarístico.⁴⁸

A reforma, promovida em primeiro lugar por Pio XII e que o Missal Romano pós-Vaticano II reiterou, coloca novamente a Vigília Pascal em seu lugar de importância, não só no tempo cronológico (a noite do sábado para o domingo, noite que é símbolo do sepulcro de Cristo e do mundo envolvido em trevas, iluminada pela luz do Ressuscitado), mas

⁴⁶ BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da Igreja**: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 356.

⁴⁷ JEAN-NESMY, 1966, p. 142.

⁴⁸ LUTZ, Gregório. **Páscoa ontem e hoje**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 15-16.

no tempo *litúrgico* e *escatológico* adequados. Ou seja, na noite do terceiro dia do Tríduo Pascal, diante do fogo novo, o povo acende suas lâmpadas e permanece à espera do Esposo, tal como as dez virgens estavam à espera do Noivo para a festa⁴⁹.

Observa-se, assim, a importância desta celebração na vida da Igreja, que vê-se a si mesma nascendo do lado aberto de Jesus vivo e vitorioso sobre a morte e o pecado. Perceber as mudanças estruturais, circunstanciais e de compreensão teológica que a Vigília Pascal sofreu ao decorrer do tempo é importante, pois torna o cristão mais consciente dos significados simbólicos e rituais desta vigília em honra do Senhor.

⁴⁹ BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002; Mt 25,1-13.

2 A VIGÍLIA PASCAL: ESTRUTURA BÁSICA

Na dinâmica do Tríduo Pascal, encontra especial destaque a celebração da Vigília Pascal, que já é verdadeiramente missa do domingo. Esta celebração é composta de quatro partes: Celebração da Luz, Liturgia da Palavra, Liturgia Batismal e Liturgia Eucarística. Estas quatro partes ressaltam dimensões importantes da Páscoa de Cristo: a dimensão *cósmica* (passando das trevas para a luz), a dimensão *histórica* (relembrando a história da salvação descrita nas Escrituras), a dimensão *eclesial* (incorporando ao Corpo Místico de Cristo, Povo de Deus, os novos cristãos pelo Batismo) e a dimensão *escatológica* (no banquete da Eucaristia, que é penhor do Reino vindouro). Toda essa estrutura tem uma ideia central: *o desígnio de salvação de Deus para a humanidade, através da Páscoa de Cristo*.⁵⁰

Esta é a principal fonte da espiritualidade da celebração da Vigília Pascal: *Deus quis salvar a todos com a Páscoa de seu Filho*. Pelo Batismo e pela Confirmação, cada cristão é inserido no mistério pascal do Senhor, compartilhando da sua morte, sepultura e ressurreição; a Vigília Pascal, por isso, é o espaço mais adequado para a celebração dos sacramentos da Iniciação Cristã. A dinâmica da espera pela segunda vinda do Senhor também é presente nesta celebração.⁵¹

2.1 CELEBRAÇÃO DA LUZ

A Vigília Pascal tem seu início em torno de uma fogueira, fora da igreja; todos estão ao seu redor, com velas ainda apagadas. A igreja deve estar na mais completa penumbra. A dinâmica ritual e espiritual deste primeiro momento da celebração conduz cada cristão à uma verdade fundamental: *na ressurreição de Jesus, todos passamos das trevas para a luz que não se apaga*.

2.1.1 Admoestação inicial e Bênção do Fogo

A liturgia da Vigília Pascal começa com uma admoestação inicial, feita por parte de quem preside. Como é próprio da admoestação, o presidente, dirigindo-se aos fiéis, os instrui na espiritualidade e na

⁵⁰ AUGÉ, 2019, p. 172.

⁵¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Paschalis Sollemnitatis* – A preparação e celebração das festas pascais. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 36, n. 80.

realidade litúrgica daquilo que viverão naquela celebração específica. Assim, começada a vigília *na penumbra total* e ao redor do *fogo novo*, o presidente diz:

Meus irmãos e minhas irmãs: nesta noite santa, em que nosso Senhor Jesus Cristo passou da morte à vida, a Igreja convida os seus filhos dispersos por toda a terra a se reunirem em vigília e oração. Se comemorarmos a Páscoa do Senhor ouvindo a sua Palavra e celebrando os seus mistérios, poderemos ter a firme esperança de participar do seu triunfo sobre a morte e de sua vida em Deus.⁵²

Essa introdução traz elementos riquíssimos da espiritualidade pascal. O primeiro é o elemento da *noite*. A discrepância entre luz e trevas, anoitecer e amanhecer é muito presente na dinâmica da Vigília: é no meio da penumbra que o Ressuscitado manifesta sua luz. Segue-se indicando o modo como a Igreja celebra a Páscoa: *ouvindo a Palavra e celebrando os mistérios*; através da liturgia da Palavra, do Rito do Batismo e do Rito Eucarístico, é intenção da Igreja manifestar ao mundo a alegria pela ressurreição de seu amado Esposo. A admoestação aponta, por fim, para a realidade escatológica da ressurreição final, na qual toda a humanidade participará da vida divina de forma plena.

Segue-se à admoestação uma oração de bênção do fogo novo, que assim versa:

Ó Deus, que pelo vosso Filho trouxestes àqueles que creem o clarão da vossa luz, santificai este novo fogo. Concedei que a festa da Páscoa acenda em nós tal desejo do céu, que possamos chegar purificados à festa da luz eterna.⁵³

Na Bíblia, o fogo simboliza a luz; por isso, remete à criação da luz, à vida dada por Deus ao ser humano. Representa, igualmente, a santidade de Deus; no episódio da sarça, o fogo não consome a árvore. A coluna de fogo que guia o povo no Êxodo é um símbolo forte,⁵⁴ principalmente para

⁵² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 271.

⁵³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 271.

⁵⁴ BUYST, Ione. **Símbolos na Liturgia**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 47.

este *fogo novo*, pois é retomado com poesia no canto do *Exsultet*. O fogo novo também representa o fogo do Espírito Santo, força vital; Jesus, sendo a Luz do Mundo, ilumina a humanidade caída nas trevas.⁵⁵

Com as velas nas mãos, o povo se coloca também em atitude de vigilância à espera do Senhor Ressuscitado, como as virgens que esperavam o seu Esposo chegar e levaram lamparinas.⁵⁶ Este é o sentido das velas dos fiéis na Vigília Pascal, que são acesas na luz do Círio: a ressurreição ilumina a vida de cada batizado.

2.1.2 O Círio Pascal e sua preparação

Um dos principais símbolos da vigília e do tempo pascal é o *círio pascal*, uma grande vela acesa com o fogo novo. Bento XVI afirma que, sendo o círio um trabalho em primeiro lugar das abelhas que produzem a cera, retrata-se assim a Criação como transformada pela Páscoa, festa da nova criação; tudo o que foi criado torna-se portador da luz do Ressuscitado.⁵⁷ A coluna luminosa, citada nos capítulos 14 e 15 do livro do Êxodo como um luzeiro para o povo durante a noite, na travessia do deserto, é agora substituída pela luz que emana da ressurreição de Jesus. Esta luz da vida nova reúne e congrega em um único povo, renascido nas águas batismais, os crentes em Jesus Cristo.⁵⁸

As orações de preparação do círio expressam bem a realidade pascal de Jesus: a) as inscrições do ano corrente lembram Jesus como o Senhor da história, e sua Páscoa como realidade atual, no *hoje* da história humana; b) a primeira e a última letras do alfabeto grego, *Alfa* e *Ômega*, retratam a dinâmica da origem do mundo e da *parusia*; c) os *cravos* lembram o Senhor que está vivo, conservando em si os sinais de sua morte ressignificados pela ressurreição.⁵⁹

O Círio entra solenemente na igreja envolvida em penumbra, como um sol que brilha sobre a noite. A caminhada do círio e do povo entrando na igreja rememora a coluna de fogo que guiou o povo de Israel pelo

⁵⁵ LUTZ, 2003, p. p. 16.

⁵⁶ Cf. Mt 25,1-4.

⁵⁷ BENTO XVI. **Homilia da Vigília Pascal na noite santa**. Vaticano, 7 de abril de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_benxvi_hom_20120407_veglia-pasquale.html>. Acesso: 28 out. 2021.

⁵⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 277-278.

⁵⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 272-273.

deserto, na primeira páscoa; agora, na segunda Páscoa, o próprio Ressuscitado é a luz que dissipa as trevas e clareia a noite.⁶⁰

2.1.3 O canto do *Exsultet*

Este antiquíssimo hino retrata, em sua riqueza literária e teológica, a alegria da Igreja em celebrar a Páscoa de seu Redentor, sua vitória sobre o pecado e a morte, fazendo referências a fatos da história do povo de Deus relatada na Bíblia e relacionando-os com o Cristo ressuscitado. Segundo Martimort, o *Exsultet* é, “[...] ao mesmo tempo, oração de oferenda do círio a Deus e anúncio da Páscoa através de uma alegre ação de graças”.⁶¹

Sobre as suas fontes, Pereira afirma: “Os nomes do Pseudo-Hipólito (século II), de Astério Sofista (século IV) e Efrém Sírio (século IV) atuam como fontes inspiradoras do Precônio, além de Santo Ambrósio e Santo Agostinho”.⁶²

O *Exsultet* canta, com lirismo admirável e profundidade teológica, o mistério pascal de Cristo, cujas dimensões serão celebradas ao longo da Vigília. Encerrando a *liturgia da luz*, que introduz os fiéis no mistério da Páscoa do Redentor, cada verso deste belíssimo hino pascal ressalta pontos centrais da história da salvação: a libertação do Egito, a ressurreição de Cristo, o amor de Deus pela humanidade ao entregar o próprio Filho, o pecado original de Adão e a redenção operada pelo Senhor.⁶³

Essa proclamação já começa com um tom apocalíptico, usando-se de sinais para retratar a grandeza desta noite: “[...] mensageiros de Deus, desçam cantando; façam soar trombetas fulgurantes, a vitória de um Rei anunciando”.⁶⁴ Este excerto faz referência ao sétimo anjo do livro do Apocalipse, que ao soar das trombetas proclama solenemente a realeza do Senhor e Cristo, que durará por toda a eternidade.⁶⁵

⁶⁰ MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em Oração: introdução à Liturgia**. Trad. Frei Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1992, vol. IV, p. 52.

⁶¹ MARTIMORT, 1992, p. 52.

⁶² PEREIRA, Jerônimo. O *Exsultet* como expressão dos sentimentos de um povo redimido. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, vol. 79, n. 312, p. 60-88, Jan./Abr. 2019, p. 74.

⁶³ FONSECA, Joaquim; VELOSO, Reginaldo. **O que cantar no ciclo pascal: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal?** São Paulo: Paulus, 2018, p. 151.

⁶⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 274.

⁶⁵ Ap 11,15.

Jesus é retratado como o novo Adão, imagem do homem novo. O poema da noite pascal convida a Igreja, em louvor ao Pai, a “[...] celebrar seu Filho Jesus Cristo, tornado para nós um novo Adão”.⁶⁶ Paulo afirma categoricamente que o pecado entrou no mundo por causa de um homem, sendo transmitido a todos os seres humanos, assim o Senhor obteve a graça da justificação.⁶⁷ A morte entrou no mundo por causa de Adão; a ressurreição, pelo mistério da Páscoa de Cristo, em quem todo o gênero humano recebe vida nova.⁶⁸

O texto do *Exsultet* canta a noite da Vigília Pascal como sendo a noite em que os hebreus marcaram as portas como um sinal para não sofrerem a pena da morte dos seus filhos, onde o cordeiro era imolado e comido às pressas, a noite em que o povo foi liberto das mãos do Faraó no Egito e passou pelo mar: “Esta é, Senhor, a noite em que do Egito retirastes os filhos de Israel, transpondo o mar Vermelho a pé enxuto, rumo à terra onde correm leite e mel”.⁶⁹ A vitória do povo de Israel, às custas do Faraó e de todo o seu exército, foi motivo de grande louvor a Deus e um forte sinal da sua presença em meio ao seu povo escolhido.⁷⁰

Jesus experimentou a morte do ser humano, descendo à Mansão dos Mortos, para salvar os que lá esperavam a redenção. Sendo Jesus o Senhor dos vivos e dos mortos, rompeu o inferno com a sua ressurreição gloriosa.⁷¹ A noite da Vigília Pascal é considerada a noite da grande vitória de Cristo redentor sobre o pecado e a morte. O texto pergunta: haveria valor em nascer se não houvesse este resgate de Cristo em favor da humanidade? A resposta está no imenso amor-caridade do Pai, que envia seu Filho para resgatar os seus servos da culpa do pecado.⁷²

O *Exsultet*, em suas quatro últimas estrofes, retoma esse rico símbolo da ressurreição de Jesus. Geralmente composto de cera de abelhas, o círio pascal evoca o simbolismo da cooperação de toda a Criação divina na obra redentora de Cristo.

⁶⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 275.

⁶⁷ Rm 5,12-17.

⁶⁸ 1Cor 15,21-22.

⁶⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 275.

⁷⁰ Ex 14,13-15,4.

⁷¹ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999, p. 180-182; CIC 632-637.

⁷² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 278.

A proclamação da Páscoa, em sua estrofe final, atenta para uma feliz verdade escatológica: o Senhor, que é luz e ilumina a criação, voltará um dia refulgente como o sol.⁷³ A essa alegre espera faz referência uma rica simbologia da Vigília Pascal, a do *fogo novo*, no qual todos acendem suas velas: os fiéis, tendo em suas mãos lâmpadas acesas, esperam ser encontrados por Cristo vigilantes para participarem de seu banquete.⁷⁴

2.2 LITURGIA DA PALAVRA

Segue-se, após a Celebração da Luz, toda a Liturgia da Palavra, riquíssima em fontes espirituais e em textos eucológicos. Fazendo uma memória de toda a história da salvação, da Criação à Parusia, a Igreja agora medita as maravilhas operadas em favor da humanidade desde o seu princípio. Nesta Vigília, deve transparecer aquilo que a Igreja pede em cada liturgia: que a Palavra de Deus seja lida, meditada e rezada. É lida, depois meditada com o salmo responsorial e rezada com a oração do Presidente ao fim de cada leitura/salmo. A luz do círio agora reflete na Palavra: o Cristo que é a Luz agora se torna Palavra de vida e salvação. Para uma vivência espiritual profunda durante a Liturgia da Palavra da Vigília Pascal, é preciso ter em conta aquilo que já recordou o Concílio Vaticano II: “[Cristo] Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura”.⁷⁵

Adiante, serão apontadas as leituras e seus salmos, bem como a oração que segue cada leitura na Vigília e seu sentido teológico e espiritual. Todas essas orações, segundo Augé, têm uma referência a Cristo, à Igreja e aos Sacramentos,⁷⁶ especialmente ao Batismo; Martimort afirma que essas orações encontram sua origem no Sacramentário Gelasiano, datado do séc. VII.⁷⁷

2.2.1 As sete leituras, os salmos responsoriais e as orações

A primeira leitura versa sobre a Criação (Gn 1,1–2,2), seguida do salmo em que se pede que o Espírito do Senhor seja enviado sobre a face

⁷³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 276.

⁷⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 270.

⁷⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 144; SC 7.

⁷⁶ AUGÉ, 2019, p. 174.

⁷⁷ MARTIMORT, 1992, p. 53.

da terra, para renová-la (Sl 103/104).⁷⁸ Entre Criação e Páscoa, desde os judeus, sempre existiu correlação, pois a Páscoa era lida como uma *nova criação* entre o povo hebreu. Tanto na Páscoa judaica quanto na Vigília Pascal cristã lê-se o relato da Criação. Cristo, com a sua ressurreição, inaugura a nova criação,⁷⁹ “enfim libertada de toda maldade e fraqueza”.⁸⁰ A oração que se segue à primeira leitura ressalta que a ressurreição supera em grandeza a Criação do mundo; isto deve-se ao fato de que a ressurreição restaura o mundo que havia caído no pecado após a queda dos primeiros pais; sendo o primeiro dos dons que Deus liberalmente deu na história da salvação, aponta para a nova criação em Cristo, ressaltada pelo salmo responsorial após a primeira leitura.⁸¹

Mas, mesmo com o pecado do ser humano, “[...] Deus convoca, reúne e caminha com o povo. Não o deixou abandonado a um destino de morte. [...] Inicialmente, Deus faz aliança com Abraão”.⁸² Por isso, a segunda das leituras propostas na Vigília Pascal proclama o sacrifício de Isaac, o filho único de Abraão (Gn 22,1-18), seguida do salmo, no qual o salmista pede a Deus que o guarde (Sl 15/16).⁸³ Essa leitura ressalta a importância da *Aliança* na dinâmica salvífica; esta Aliança, que é estendida a toda a humanidade, através da obediência do patriarca, sela-se no sacrifício de Isaac, tipo de Cristo, o *filho muito amado* que obedeceu até o sacrifício. O salmo manifesta a confiança em Deus, que não abandona os seus filhos.⁸⁴ Segundo Ferlay: “O pequeno Isaac não é somente o filho único querido, é igualmente o depositário da Promessa [...]. Deus Pai ainda irá mais longe que Abraão”.⁸⁵ Com essa leitura, ressalta-se a dinâmica *sacrifical* da Páscoa de Cristo: o Ressuscitado é o mesmo que foi crucificado, aquele que não foi abandonado na morte e não conheceu corrupção.⁸⁶ A oração proposta pelo Missal para esta

⁷⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Leccionário Dominical**. São Paulo: Paulus, 1994, p. 167-172.

⁷⁹ BERGAMINI, 1994, p. 360-361.

⁸⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 870.

⁸¹ MONSANI, 2022, p. 63-65.

⁸² NÚCLEO DE CATEQUESES PAULINAS; PASTRO, Cláudio. **Iniciação à liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 20.

⁸³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1994, p. 172-175.

⁸⁴ MONSANI, 2022, p. 65-66.

⁸⁵ FERLAY, Philippe. **Jesus nossa Páscoa: teologia do mistério pascal**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 54.

⁸⁶ BERGAMINI, 1994, p. 361.

segunda leitura aponta Abraão como pai de todas as nações, através do mistério pascal; sobre esta descendência, foi derramada a graça da filiação divina,⁸⁷ como ressalta são Paulo aos cristãos gálatas: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, [...] a fim de que recebêssemos a adoção filial.”⁸⁸ O elemento da filiação divina, aqui sinalizado, é desenvolvido durante a liturgia batismal.

A terceira das leituras, segundo a rubrica do Missal Romano, não pode jamais ser omitida,⁸⁹ “[...] pelo seu caráter de figura do mistério pascal”.⁹⁰ É a leitura que narra a passagem a pé enxuto pelo meio do Mar Vermelho (Ex 14,15–15,1), seguida do cântico entoado por Moisés e pelos filhos de Israel (Ex 15). Como é uma leitura central, merece uma reflexão mais apurada e profunda.

São Paulo, escrevendo aos Coríntios, ressaltou que a travessia do Mar Vermelho foi uma figura de Cristo, a quem ele chama de *rocha espiritual*;⁹¹ faz, assim, uma ligação entre a travessia do mar e o sacramento do Batismo, pois nas águas batismais toda pessoa batizada é sepultada com Cristo em sua morte, para participar de sua ressurreição.⁹² Os Padres da Igreja já ressaltavam a importância tipológica dessa passagem para a fé cristã. Agostinho ressalta:

[...] Moisés, santo servo de Deus, que pela força de Deus aterrorizou com grandes milagres a gente ímpia do Egito e dali retirou o povo de Deus atravessando o Mar Vermelho: separando as águas, ofereceu passagem aos caminhantes.⁹³

Santo Ambrósio exortava os seus catecúmenos, usando como exemplo a angústia que se passava no coração do povo de Israel diante do Mar: “Quando te sentires angustiado, acredita que há saída, sem

⁸⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 280.

⁸⁸ Gl 4,4-5.

⁸⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 279, n. 21.

⁹⁰ ADAM, Adolf. **O ano litúrgico**: sua história e seu significado segundo a reforma litúrgica. Trad. Mateus Ramalho Rocha. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 82.

⁹¹ 1Cor 10,1-2.

⁹² Rm 6,4.

⁹³ AGOSTINHO, 2020, p. 120; I, XX, 34.

murmúrio. É hora de ires invocando e rezando, sem te enterrares em queixas”.⁹⁴

A leitura do Êxodo tem um caráter fortemente *batismal*. Assim como o povo da primitiva Aliança passou pelas águas e foi liberto da escravidão, o novo Povo de Deus, a Igreja, ao passar pelas águas do Batismo, passa a viver uma nova vida, feliz e libertada.⁹⁵ “A libertação do povo [...] é um evento salvífico que prenuncia o batismo, sacramento da nossa libertação e da nossa ‘passagem’ do pecado e da morte para a vida de filhos de Deus”.⁹⁶ O cântico que se segue à leitura, retirado do capítulo 15 do Êxodo, retrata a vitória de Deus e do povo de Israel sobre os egípcios. O refrão sálmico retrata a felicidade do antigo povo pela intervenção de Deus, manifestada agora plenamente no novo Povo de Deus, pela vitória de Cristo sobre a morte: “Cantemos ao Senhor, que fez brilhar a sua glória”.⁹⁷

As duas opções de oração presidencial após a terceira leitura ressaltam a tipologia entre o Batismo e a travessia do Mar Vermelho. O Batismo trouxe salvação para a humanidade, assim como o povo foi salvo por meio das águas; é uma imagem batismal e um símbolo para todos os que creem em Cristo, pois nas águas do Batismo cada pessoa é regenerada pelo dom do Espírito Santo.⁹⁸

As quatro leituras que se seguem são retiradas dos Profetas Isaías, Baruc e Ezequiel. A quarta leitura (Is 54,5-14) traz descrita a *nova Jerusalém*, que se reergue após o exílio para a Babilônia. Diante da destruição da cidade, Deus promete reconstruí-la e edificá-la, como a esposa repudiada que volta a ser aceita. O salmo (Sl 29/30) traz o tema da *benevolência divina*, que faz o pranto se transformar em festa.⁹⁹ Paulo lê essa passagem de Isaías em chave tipológica, apontando a Jerusalém do alto.¹⁰⁰ A oração presidencial assim versa: “[...] multiplicai a posteridade que prometestes aos nossos pais, aumentando o número dos vossos filhos

⁹⁴ AMBRÓSIO DE MILÃO. **Os sacramentos e os mistérios**: iniciação cristã na Igreja primitiva. Trad. D. Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 46; *De Sacr.*, 1,6.

⁹⁵ MONSANI, 2022, p. 67.

⁹⁶ BERGAMINI, 1994, p. 362.

⁹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1994, p. 177.

⁹⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 280-281.

⁹⁹ MONSANI, 2022, p. 68-69.

¹⁰⁰ Cf. Gl 4,26.

adotivos”;¹⁰¹ assim, o Batismo é lido sob a ótica da misericórdia de Deus, que resgata o ser humano e transforma as suas lágrimas em cantos de alegria, pois é o Deus compassivo e é bondoso eternamente.¹⁰²

A quinta leitura é retirada do livro do Profeta Isaias (Is 55,1-11), seguida do salmo (Is 12). A realidade apontada por Isaias é fortemente festiva; aquele que não tem dinheiro pode comer à vontade, aquele que está com sede tem água para se saciar. O profeta convida o povo a voltar para o Senhor, que perdoa com benignidade; mas, para isso, é preciso abandonar a impureza e a impiedade. A Palavra de Deus sempre cumpre seu objetivo.¹⁰³ Esta leitura é um convite ao povo para que retorne do exílio, não somente externo, mas também no seu interior. O salmo ressalta o louvor a Deus pela salvação que é dada gratuitamente, portentosa e prodigiosa.¹⁰⁴ A oração presidencial que segue aponta o profeta como uma voz, que anuncia os mistérios realizados plenamente na Páscoa de Cristo.¹⁰⁵ Essa expressão ecoa na figura do último dos profetas, João Batista: “Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor”.¹⁰⁶

A sexta leitura (Br 3,9-15.32–4,4) e seu salmo (Sl 18B/19) trazem a realidade da *sabedoria* e da *lei* do Senhor. O profeta chega a dizer: “A sabedoria é o livro dos mandamentos de Deus, é a lei que permanece para sempre. [...] Ó Israel, felizes somos nós, porque nos é dado conhecer o que agrada a Deus”.¹⁰⁷ No evangelho segundo Mateus, Jesus reinterpreta a lei mosaica: sábio não é aquele que tem o domínio de muitos conhecimentos, mas o conhecimento da Palavra do Filho é dada aos simples, e a sua Lei é um suave jugo, pela sua mansidão e humildade:¹⁰⁸ “Cristo é, verdadeiramente, a própria sabedoria, muito embora considerada pelos homens como fraqueza e loucura”.¹⁰⁹ A oração que se

¹⁰¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 281.

¹⁰² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1994, p. 179.

¹⁰³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1994, p. 180-181.

¹⁰⁴ MONSANI, 2022, p. 69.

¹⁰⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 281.

¹⁰⁶ Jo 1,23.

¹⁰⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1994, p. 182.

¹⁰⁸ Cf. Mt 11,25-30.

¹⁰⁹ MONSANI, 2022, p. 70.

segue traz o elemento batismal como *purificação*; assim como a realidade exflica foi purificação para o povo da primeira Aliança, também o povo cristão, através das águas batismais, é guardado sob a proteção do Deus Altíssimo.¹¹⁰

A última das leituras retiradas do Antigo Testamento é retirada do Profeta Ezequiel (Ez 36,16-17.18-28), seguida do salmo 41(42). A renovação trazida por Ezequiel aponta para a renovação que Cristo trouxe com a sua Ressurreição; o perdão dos pecados, primeiro dom do Ressuscitado (cf. Jo 20,22-23), é um fruto da Páscoa. O ser humano, habitado pelo Espírito Santo, torna-se dócil à guia de Deus, no que diz respeito ao modo de ser, agir e viver.¹¹¹ Mais uma vez, aparece a forte ligação com o Batismo, que é o ingresso nesta nova vida de comunhão. Perdoados os pecados, o batizado recebe a filiação divina e deve buscar corresponder a esta vocação.¹¹² O salmo traz a temática do *encontro com Deus*, que provoca no ser humano uma espécie de sede, pelo seu anseio profundo em estar diante da face divina.¹¹³ A oração do presidente aponta a ligação entre os dois Testamentos, Antigo e Novo, e a importância da esperança;¹¹⁴ segundo o Concílio Vaticano II, o ser humano, “[...] associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança”.¹¹⁵

2.2.2 Hino de louvor e Oração do dia

Terminadas as leituras do Antigo Testamento, é entoado pelo presidente e por todos o Hino de Louvor, a que popularmente chama-se *Glória*. Este belíssimo hino, datado de meados do séc. IV, é revestido de uma especial solenidade: durante o seu canto, os sinos, que estavam silenciosos desde a missa *in caena Domini* (Quinta-feira Santa), repicam

¹¹⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 282.

¹¹¹ BERGAMINI, 1994, p. 364.

¹¹² MONSANI, 2022, p. 71.

¹¹³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1994, p. 184.

¹¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 282.

¹¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965). **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. Vaticano: 1965. Não paginado; GS 22. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va_t-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso: 05 abr. 2022.

alegremente e as velas do altar são acesas.¹¹⁶ O costume de repicar os sinos durante o canto já foi prescrito por Pio XII no *Ordo Hebdomadæ Sanctæ Instauratus* de 1951, junto com a indicação de que nesse momento se descobrissem as imagens.¹¹⁷ Algumas comunidades têm o costume de revestir o altar com a toalha e colocar as flores, dando ainda maior destaque a esse momento. Como a Páscoa significa *passagem* daquilo que é velho para o que é novo, a passagem do Antigo Testamento para o Novo Testamento é simbolizada na “mudança” que se vê nitidamente no altar: as velas são acesas, o altar é ornamentado, os sinos dobram.¹¹⁸

A oração do dia é belíssima, e resume todo o mistério celebrado nesta Vigília: “Ó Deus, que iluminais esta noite santa com a glória da ressurreição do Senhor, despertai na vossa Igreja o espírito filial para que, inteiramente renovados, vos sirvamos de todo o coração”.¹¹⁹ A dinâmica luz-trevas é mais uma vez ressaltada na prece; Cristo venceu, a luz não mais se apagará. Mesmo que ainda existam trevas, a vitória gloriosa de Jesus dá ao cristão a possibilidade da *conversão*, até que todos façam a sua passagem da morte à vida, unidos ao Senhor. O *espírito filial* refere-se especialmente ao Batismo, que encontra seu perfeito lugar nessa celebração; o serviço *de todo o coração* é consequência desse sacramento, que impele cada cristão a ser um missionário, anunciando ao mundo a verdade maravilhosa da vitória do Senhor sobre a morte e o mal.¹²⁰

Nessa oração “Coleta” da Vigília Pascal, podem-se destacar três *áreas*: divina, eclesial-terrena e divino-sacramental (que liga o humano ao divino). Por exemplo, a *ressurreição* é, ao mesmo tempo, realidade divina e realidade divino-sacramental, pois a *noite* é iluminada pela *glória da ressurreição*, na dimensão eclesial-terrena. Ou seja, as três dimensões se interligam em um mesmo mistério de salvação: a ressurreição do Senhor que ilumina as trevas e manifesta a glória da divindade. O batizado passa a ser *filho amado de Deus* por meio do sacramento do Batismo, graças ao mistério pascal, com o fim de oferecer um santo serviço, realizado de forma pura. A oração também tem base bíblica, sobretudo na carta de Paulo aos Romanos, pelo seu caráter batismal: a Igreja participa do mistério pascal de Cristo, que é luz a iluminar as trevas

¹¹⁶ MONSANI, 2022, p. 72.

¹¹⁷ LITURGIA..., 1956a, p. 212.

¹¹⁸ NÚCLEO DE CATEQUESES PAULINAS; PASTRO, 2012, p. 126.

¹¹⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 283.

¹²⁰ MONSANI, 2022, p. 72-73.

da morte, através do sacramento batismal. A *glória* citada na oração é o meio através do qual a ressurreição ilumina a noite pascal.¹²¹

2.2.3 Epístola, canto do Salmo aleluiático e Evangelho

A perícope das cartas paulinas lida na Vigília Pascal, ainda popularmente chamada de *Epístola*, é retirada da Carta de Paulo aos Romanos (Rm 6,3-11). É uma catequese do Apóstolo sobre o sacramento do Batismo. É Paulo quem faz a primeira reflexão teológica sobre esse sacramento, que na noite pascal é destacado. Para Paulo, a vida daquele que foi batizado é uma constante crucificação e sepultura com e em Jesus, para que vivifique e ressuscite também nele e com ele. O mistério pascal de Cristo acontece no hoje da história de cada pessoa batizada, que é mergulhada *em* Cristo para viver inserido *nele*. Essa morte mística, de certa forma, é real, pois é morte para o pecado e para aquilo que Paulo chama de *velho homem*; no batismo, é o *homem novo* que é gerado, participando da vida divina e recebendo a libertação de todas as escravidões, principalmente da escravidão do pecado.¹²²

Essa morte e ressurreição de cada cristão, através de seu batismo, não pode ficar encerrada apenas ao gesto sacramental, mas deve derramar-se na prática cotidiana: “Isso exige de nós, conforme o ensinamento de Paulo, uma conduta pascal reassumida na morte para o pecado e na vida para Deus”.¹²³ A dinâmica da morte-ressurreição no sacramento batismal fica ainda mais evidente quando se pensa, por exemplo, no batismo realizado na Igreja primitiva, onde havia uma *piscina* própria para tal. O catecúmeno, despido, entrava nas águas, era batizado e saía pelo outro lado. Portanto, a piscina de água batismal é, ao mesmo tempo, *túmulo* onde se sepulta o homem velho, imagem de Adão, e *meio de vida* onde se gera uma nova criatura, imagem de Cristo; é o símbolo da maternidade da Igreja, que gera novos filhos de Deus.¹²⁴

¹²¹ SILVA, Rafael Aléz Lima da. Oração Coleta da Vigília Pascal segundo o Missale Romanum 1975: Hermenêutica exegético-litúrgica das palavras *gloria* e *spiritus* – A linguagem como reveladora do mistério. In: FELLER, Vitor Galdino (Org.). **A nobre simplicidade da liturgia**: homenagem a Pe. Valter Mauricio Goedert. Florianópolis: FACASC, 2014, p. 220-222; 225-226.

¹²² GOEDERT, Valter. **Teologia do Batismo**: considerações teológico-pastorais sobre o Batismo. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 26-27.

¹²³ BERGAMINI, 1994, p. 365.

¹²⁴ DANIELLOU, Jean. **Bíblia e liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja. Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 73.

Terminada a Epístola, todos se levantam e é entoado, pela primeira vez desde o início da Quaresma, o *Aleluia*. É de Santo Agostinho a belíssima meditação sobre o canto dessa palavra pascal:

Eis que cantamos o Aleluia! Ele é doce e alegre, transborda em graça e ternura! Não nos cansamos de repeti-lo incontáveis vezes. Que festa quando ele volta... Esta, irmãos, é a alegria de estarmos juntos, alegria de cantar salmos e hinos, alegria de evocar a paixão e a ressurreição de Cristo, alegria de esperar a vida eterna. [...] Nestes dias em que ressoa o Aleluia, nosso coração não é mais o mesmo.¹²⁵

Esta palavra, *aleluia*, vem de duas palavras: *hallelu-yah*, que, traduzidas, significam um convite admirável de louvor ao Senhor. Aparece nos Salmos, no livro de Tobias e no Apocalipse de João. O *aleluia* é um canto de júbilo, de festa e de muita alegria. Já no séc. IV, sob o pontificado de Dâmaso, aparece o *aleluia* na missa da Páscoa. É o canto através do qual a assembleia acompanha a procissão do Livro dos Evangelhos, ou Evangeliário, até à mesa da Palavra, preparando-se para ouvir a Palavra de salvação. É um canto que manifesta alegria, através da música, pela realidade do túmulo vazio. Cantar é, geralmente, uma expressão de alegria (basta pensar, por exemplo, nas festas, que sempre são acompanhadas de música). Assim, o homem novo, batizado em Cristo e livre da escravidão da morte, na noite em que a Igreja celebra sua vitória sobre o mal e a morte, pode entoar com todo o júbilo do coração: *aleluia*, louvemos o Senhor.¹²⁶

Geralmente, o canto do Aleluia faz-se da seguinte maneira: um solista entoa a palavra, todos respondem. Isso se repete por três vezes, com ascendência de tons. No fundo, o que se quer ressaltar com este canto é o júbilo pela presença do Ressuscitado em meio ao seu Povo eleito, bem como as maravilhas que opera desde o princípio.¹²⁷ É por isso que o canto do Aleluia na noite pascal é acompanhado de alguns versículos do salmo 117(118): para mostrar que Deus Pai, através da ressurreição de seu Filho,

¹²⁵ AGOSTINHO, *In Psalmum 118*, PL 37, 1463. In: MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em Oração**: introdução à Liturgia. Trad. Frei Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1992, vol. IV, p. 53.

¹²⁶ MONSANI, 2022, p. 75-77.

¹²⁷ FONSECA, 2018, p. 152.

fez acontecerem maravilhas e, nessa santa vigília, manifesta-se o *Dia do Senhor*, esperado com ansiedade pelo povo da primitiva Aliança.¹²⁸

Segue-se ao canto do *salmo aleluiático* a proclamação do Evangelho, que é diversa nos três anos do ciclo litúrgico: Mateus, Marcos e Lucas. Todos eles fazem menção ao túmulo vazio, como um indicador da ressurreição, e apresentam personagens (anjos, jovens) que atestam às mulheres que o morto não jaz mais no sepulcro, mas está vivo.¹²⁹ Esse anúncio do Evangelho é revestido de grande alegria. A notícia é tão maravilhosa que deixa as mulheres, testemunhas da ressurreição, perplexas e tão alegres que não conseguem acreditar em um primeiro momento. Segundo Martini, aquele que ouve o evangelho do túmulo vazio “[...] será repleto, como as mulheres, do temor e reverência para com o mistério desconcertante que lhe é apresentado, e da grande alegria pelo triunfo de Cristo”.¹³⁰ O Missal Romano ainda indica a homilia como elemento que encerra a Liturgia da Palavra.¹³¹

2.3 LITURGIA BATISMAL

A terceira parte da Vigília Pascal consiste na celebração dos sacramentos da Iniciação Cristã – entre eles, e principalmente, o Batismo. Como já visto no primeiro capítulo desse trabalho, a noite da Vigília Pascal é o momento mais oportuno para a celebração do sacramento batismal, pois toda a liturgia dessa celebração aponta para as realidades celebradas no Batismo.

O rito é dividido nas seguintes partes: apresentação dos catecúmenos para a comunidade reunida, ladainha de Todos os Santos, bênção da água batismal (ou água para aspersão), renúncia a Satanás, unção com óleo dos Catecúmenos, profissão de fé, banho batismal, unção com o óleo do Crisma, recepção da veste branca, rito da luz, celebração

¹²⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1994, p. 186.

¹²⁹ MONSANI, 2022, p. 79-80.

¹³⁰ MARTINI, C. M. I segni della resurrezione, in AA.VV. Triduo Pasquale/3, Queriniana, Brescia, 1970, p. 95 apud BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da Igreja**: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 366.

¹³¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 283, n. 36.

do Sacramento da Confirmação (se houver), renovação das promessas do Batismo, aspersão do povo, profissão de fé.¹³²

Em primeiro lugar, a comunidade conhece os seus novos membros. É um gesto bastante significativo, porque cada batizado é membro da comunidade dos cristãos. Não existe cristianismo sem pertença comunitária; é por isso que os catecúmenos são apresentados, pois aqueles “[...] que se aproximam da fonte do novo nascimento”¹³³ serão, pelo Batismo, membros da comunidade dos que acreditam em Jesus como Senhor e Salvador. A ladainha de todos os Santos expressa a oração de intercessão da Igreja, e demonstra a beleza da fé cristã, através da qual uma pessoa alcança a santidade. Essa *invocação dos batizados* acompanha a procissão até o batistério.

A oração de bênção para a água utilizada no Batismo é de uma riqueza simbólica e litúrgica singulares, pois “[...] manifesta, de modo muito particular, o sentido do mistério pascal de Cristo que a Igreja celebra e proclama na noite santa”.¹³⁴

A oração aponta a água como elemento capaz de recordar o mistério pascal na vida do batizado, pois Deus se utilizou da água nos primeiros tempos para ser sinal de libertação. Na Criação, a água é dotada de força por Deus, assim como o Batismo é uma *nova criação*; no Dilúvio, muito refletida pelos Padres como figura batismal, a água demonstra a dinâmica entre a morte e a vida, bem como a pomba retrata o Espírito que traz o *ramo novo de oliveira* para anunciar a vida; na travessia do Mar Vermelho, transparece a libertação do catecúmeno através da travessia pelas águas do Batismo, onde fica sepultada a vida antiga e se passa à liberdade. O batismo de Jesus no Jordão é um sinal claro de sua cruz e ressurreição; descido às águas e batizado, prefigura a morte, mas saindo das águas o Espírito repousa sobre ele. A morte na Cruz também é citada na oração, pois o Batismo possui uma forte ligação à teologia da Cruz; a água que escorre do lado aberto de Cristo é o *braço do rio que traz alegria*, dando ao batizado possibilidade do regresso ao Paraíso. Por fim, o mandato de batizar prefigura a formação da Igreja, o novo Israel – Povo Eleito, a partir da ressurreição.¹³⁵

¹³² SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Cerimonial dos Bispos**. São Paulo: Paulus, 1988, p. 112-115.

¹³³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 283.

¹³⁴ MONSANI, 2022, p. 100.

¹³⁵ MONSANI, 2022, p. 102-110.

A oração presente no rito atual deriva do Sacramentário Gelasiano e expõe temas e tipologias muito importantes da teologia batismal:¹³⁶ as águas sobre as quais o Espírito pairava na Criação, o dilúvio, a travessia do Mar Vermelho, o batismo de Jesus, a água que jorrou do lado de Jesus pendente no lenho da Cruz e o mandato do batismo por parte de Jesus aos apóstolos após sua ressurreição.¹³⁷ Essa oração anamnética, ao recordar elementos da história da salvação, registra a importância do símbolo da *água* para o povo cristão. Segundo o texto da oração, quem faz brotar a água batismal para que a Igreja cumpra o mandato de Jesus para batizar é o Espírito Santo, comunicando a graça do banho que lava do pecado e que regenera o ser humano.¹³⁸ O Catecismo afirma que, nessa oração, “[...] a Igreja faz solenemente memória dos grandes acontecimentos da história da salvação que já prefiguravam o mistério do Batismo”.¹³⁹

O rito continua com a renúncia a Satanás e ao mal,¹⁴⁰ que se expressa no *pecado*. Essa renúncia já é presente desde os primeiros tempos da Igreja, pois o Batismo é um sacramento que mergulha o catecúmeno na graça, tirando-o do poder do mal. É uma transferência de *posse*: aquele que estava sob o domínio do Maligno, agora passa a estar sob o regime da graça. Ambrósio recordava aos seus catecúmenos: “Portanto, renunciaste ao mundo, renunciaste ao século. Sê vigilante”.¹⁴¹ Já no tempo de Cirilo de Jerusalém, era utilizada uma das fórmulas que perdura até hoje.¹⁴² Cirilo faz uma reflexão espiritual sobre as perguntas da renúncia: as obras do Maligno são os *pecados*, todos eles, que exigem renúncia do catecúmeno. A pompa do antigo inimigo, serpente cruel e tirana, é toda espécie de vaidade, pecado que pode ser vencido e que consiste, para o bispo de Jerusalém, nas festas pagãs e nas adivinhações, amuletos e todo tipo de indecência.¹⁴³

Depois de renunciar ao inimigo e ao pecado, o catecúmeno é ungido com o óleo próprio para os Catecúmenos,¹⁴⁴ abençoado pelo

¹³⁶ BERGAMINI, 1994, p. 368.

¹³⁷ MARTIMORT, 1992, p. 54.

¹³⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 286.

¹³⁹ CATECISMO..., 1999, p. 341; CIC 1217.

¹⁴⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 98.

¹⁴¹ AMBRÓSIO DE MILÃO, 2019, p. 40; *De Sacr.*, 1,2.

¹⁴² Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 273.

¹⁴³ CIRILO DE JERUSALÉM, 2020, p. 34-38; 1,4-8.

¹⁴⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 98.

Bispo na Missa Crismal da Quinta-feira Santa.¹⁴⁵ O óleo, comumente, tem significados bastante genéricos; é utilizado para curar, nutrir e fortificar a pele daquele que é ungido, bem como para manifestar beleza. As Escrituras apontam o óleo como uma fonte de sobrevivência, mas ao mesmo tempo de alegria.¹⁴⁶ No caso dessa unção pré-batismal, já desde os primórdios da Igreja, o óleo tem o mesmo significado que tinha para os atletas: força, rapidez, destreza, purificação. O atleta untado com o óleo não podia ser agarrado por ninguém, assim como o cristão ungido com o óleo dos Catecúmenos não pode permitir-se apreender nas insídias de Satanás. A Igreja acabou associando a simbologia da *água/mar* para os povos antigos, lugar da morte e dos dragões, e a unção antes de ser batizado, que no princípio deveria ser feita sobre todo o corpo: antes de lutar contra o inimigo, descendo às águas, é necessária uma preparação.¹⁴⁷

Segue-se à unção a profissão de fé dos catecúmenos (ou, se se tratarem de crianças, dos pais e padrinhos).¹⁴⁸ Essa profissão de fé consiste em afirmativas acerca das verdades expressas no Símbolo dos Apóstolos (que comumente se utiliza na celebração eucarística, ao menos na realidade do Brasil). É importante destacar o aspecto *comunitário* da fé que se professa. O Catecismo expressa bem a realidade de uma fé comum: “Ninguém pode crer sozinho, assim como ninguém pode viver sozinho. [...] O crente recebeu a fé de outros, deve transmiti-la a outros”.¹⁴⁹ Só depois de professada a fé é que o catecúmeno pode ser mergulhado nas águas batismais.

O rito do banho batismal é o centro de toda a liturgia do Batismo na noite santa. Enquanto se imerge o catecúmeno ou se derrama a água sobre a cabeça, invocam-se as três Pessoas da Trindade – Pai e Filho e Espírito Santo. Ali, o Espírito dá à pessoa a filiação divina; assim, se torna uma nova criatura, deixando sua condição apenas de nível criatural. Segundo o que se ouve na Epístola dessa liturgia pascal, o batismo é um sepultamento e uma ressurreição: com Cristo, cada batizado foi misteriosamente sepultado e ressuscita para uma nova vida. O rito sacramental representa a realidade histórica, ao mesmo tempo que realiza

¹⁴⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 240.

¹⁴⁶ NÚCLEO DE CATEQUESES PAULINAS. **Catequese e liturgia na Iniciação à vida cristã**. São Paulo: Paulinas, 2021, p. 109.

¹⁴⁷ DANIELOU, 2013, p. 66-68.

¹⁴⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 98-99.

¹⁴⁹ CATECISMO..., 1999, p. 55; CIC 166.

ex opere operato a graça da salvação,¹⁵⁰ que consiste na morte para o pecado e no ingresso de uma vida em união à Trindade, através da configuração com a pessoa de Cristo.¹⁵¹ É um mistério e, portanto, incompreensível no nível apenas racional. Santo Ambrósio recorda essa realidade: “Não viste, porém, o que se produziu, apenas o que aparece. As coisas que não se veem são muito maiores que as que se veem [...]”.¹⁵²

Após o batismo, acontece a unção com o óleo do Crisma. Segundo o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, “A unção do crisma depois do Batismo significa o sacerdócio real dos batizados e sua integração no povo de Deus”.¹⁵³ O texto que acompanha esta unção é também interessante e ressalta o tríplice múnus de cada batizado: profeta, rei e sacerdote. É ungido o *alto da cabeça*, e não a frente, pois a frente se unge no sacramento da Confirmação; esta unção se faz somente se a Confirmação não for celebrada no próprio rito batismal. O óleo é chamado, na eucologia da unção, de *óleo da salvação*.¹⁵⁴

A seguir, os neófitos¹⁵⁵ são revestidos de uma veste branca. Essa veste, símbolo da incorruptibilidade e da pureza, simboliza a graça de Deus, sob a qual deve viver cada pessoa que foi batizada. Ressalta também a *luz* com a qual Cristo ilumina cada neófito, restaurando a dignidade perdida por Adão no Paraíso, que estava como que vestido de luz, e de repente percebe-se nu, pelo pecado cometido. As Escrituras ressaltam que o branco é a cor das vestes sagradas;¹⁵⁶ basta recordar, por exemplo o que disse Marcos quando falou de Jesus em sua transfiguração: “Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, de alvura tal como nenhum lavadeiro na terra as poderia alvejar”.¹⁵⁷ O rito complementar seguinte é o da entrega da luz, retirada da grande luz do Círio Pascal. A oração exortativa que acompanha o rito explica e sintetiza seu significado: cada batizado é iluminado pela pessoa de Cristo e, portanto, deve caminhar seguindo a sua luz, a fim de que caminhe em direção à Jerusalém celeste.¹⁵⁸

A seguir, se as razões pastorais o aconselharem, procede-se à Confirmação dos neófitos. Esse é um antiquíssimo costume da Igreja, e

¹⁵⁰ DANIELLOU, 2013, p. 66-71.

¹⁵¹ CATECISMO..., 1999, p. 346; CIC 1239.

¹⁵² AMBRÓSIO DE MILÃO, 2019, p. 40-41; *De Sacr.*, 1,3.

¹⁵³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 25, n. 33.

¹⁵⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 100, n. 224.

¹⁵⁵ Ou seja, aqueles que foram recentemente batizados.

¹⁵⁶ DANIELLOU, 2013, p. 73-77.

¹⁵⁷ Mc 9,3.

¹⁵⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 101, n. 226.

mantém toda a sua força de sinal sacramental na liturgia da noite da Páscoa. Este Sacramento é o que mais encontra dificuldade, tanto no campo teológico quanto no pastoral.¹⁵⁹ É preciso recordar, entretanto: “A confirmação é o sacramento da inserção mais plena na Igreja; faz o cristão participar mais intensamente na vida da comunidade, com maior consciência e responsabilidade”.¹⁶⁰ A Confirmação dá visibilidade à missão, através da imposição das mãos do Bispo, sucessor dos Apóstolos, ou do Presbítero por ele delegado; à posse da parte de Deus, pelo assinalar a frente; à doação do Espírito, pela unção; ao testemunho cristão, através do perfume contido no óleo do Crisma consagrado.¹⁶¹

Se não houver celebração do Batismo e da Confirmação, e se não se abençoar a água batismal para os batismos no Tempo Pascal, abençoa-se a água para a aspersão dos fiéis, segundo o que se propõe nos textos litúrgicos. A oração começa invocando a noite da Páscoa como aquela que celebra “[...] a maravilha da nossa criação e a maravilha ainda maior da nossa redenção”.¹⁶² Tal como a bênção da água batismal, essa eucologia de bênção também evoca simbologias naturais e escriturísticas da água. A súplica é para que esta água, aspergida sobre cada batizado, faça-o recordar de seu próprio batismo, de forma que se associe a todos aqueles que, nessa sagrada noite, são batizados.¹⁶³

Depois dos ritos do Batismo e da Confirmação (ou, se não houver nenhum dos dois, da bênção da água para aspersão), todos renovam as promessas do seu Batismo. Este rito foi inserido na liturgia da Vigília Pascal a partir da reforma proposta por Pio XII, em 1951.¹⁶⁴ A celebração da Páscoa é um convite para que cada batizado viva plena e fecundamente a sua missão batismal.¹⁶⁵ Assim, ressalta o Catecismo: “Em todos os batizados, crianças ou adultos, a fé deve crescer após o Batismo. Por isso, a Igreja celebra, a cada ano, na noite pascal, a renovação das promessas batismais”.¹⁶⁶ Com as velas novamente acesas, renunciando mais uma vez a Satanás e a todas as suas obras, os batizados professam sua fé na Trindade, para que mais plenamente vivam sua missão batismal,

¹⁵⁹ MONSANI, 2022, p. 113-114.

¹⁶⁰ GOEDERT, Valter Maurício. **O sacramento da confirmação: perspectivas teológico-pastorais**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 112.

¹⁶¹ MONSANI, 2022, p. 117.

¹⁶² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 287.

¹⁶³ MONSANI, 2022, p. 113.

¹⁶⁴ IGREJA CATÓLICA, 1956b, p. 132-133.

¹⁶⁵ AUGÉ, 2019, p. 175

¹⁶⁶ CATECISMO..., 1999, p. 349; CIC 1254.

profética, real e sacerdotal. Asperge-se o povo, depois de renovadas as promessas do Batismo, para recordar o banho nas águas batismais. Enquanto isso, canta-se um canto apropriado.¹⁶⁷

Com a fé renovada, procede-se então à oração dos fiéis, da qual os neófitos participam pela primeira vez, intercedendo pela Igreja e por suas necessidades: “Elevados à dignidade do sacerdócio real, tomam parte ativa na oração dos fiéis [...]”.¹⁶⁸ Assim se conclui a liturgia Batismal na Vigília, ressaltando a dignidade dos filhos de Deus, dada através do banho que sepulta na morte com Cristo e faz ressuscitar para uma nova vida. A noite da Páscoa celebra a *Páscoa da Igreja*, que nesta noite acolhe novos filhos e filhas através da fonte batismal.¹⁶⁹

2.4 LITURGIA EUCARÍSTICA

Depois de celebrado o Batismo (e, se for o caso, a Confirmação), renovadas as promessas batismais e aspergida a água, procede-se à Liturgia Eucarística, ponto culminante de toda a Vigília Pascal, que já é verdadeiramente *missa do dia da Páscoa*.¹⁷⁰ A Eucaristia é o terceiro dos sacramentos de Iniciação Cristã, quando, plenamente renovado pelo Batismo e selado pela Confirmação, o ser humano pode tomar parte no banquete eucarístico, preparado pelo próprio Senhor Ressuscitado como *sacramento pascal*.¹⁷¹

Como ponto culminante, tem eucologias belíssimas e ricas de significado teológico e espiritual. Aqui, se fará a análise das principais, contando, inclusive, com as partes próprias do Cânon Romano (Oração Eucarística I) para a noite da Páscoa.

2.4.1 Oração sobre as Oferendas e Prefácio

A oração sobre as oferendas dessa noite aponta três temáticas bastante importantes: a oração do povo como que *recolhida* nas oferendas apresentadas, a vida que nasce do mistério da Páscoa e a Eucaristia como

¹⁶⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 288-290.

¹⁶⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 26, n. 36.

¹⁶⁹ AUGÉ, 2019, p. 173-174.

¹⁷⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 270.

¹⁷¹ MONSANI, 2022, p. 121.

penhor de eternidade.¹⁷² É preciso recordar que os neófitos participam plenamente desses ritos pela primeira vez, como era costume na Igreja primitiva: presenciavam o rito da apresentação das oferendas, podiam dar o beijo da paz, rezar a Oração do Senhor e participar da mesa eucarística.¹⁷³ Essa oração ressalta o fato de que, através da oração de ação de graças e da consagração, pão e vinho tornam-se Corpo e Sangue. Anunciando a morte do Senhor e proclamando sua gloriosa ressurreição, a Igreja pede que, da realidade ritual-sacramental, passe à realidade da eterna Páscoa junto de seu Esposo ressuscitado.¹⁷⁴

Na Eucaristia, especialmente nessa da noite santa, a Igreja, agradecida, faz novamente memória de todo o mistério pascal, que trouxe a salvação a todo o gênero humano.¹⁷⁵ Assim, o texto eucológico traz à memória da comunidade o acontecimento da salvação: Jesus, que passou pelo sofrimento e pela morte, agora está vivo. Pela fé, a Igreja afirma que Jesus deu sua vida uma vez por todas na Cruz, e que celebrou uma única Ceia com os seus apóstolos na noite em que foi entregue. Mas o sacramento eucarístico faz acontecer uma *re-presentatione*¹⁷⁶ (expressão usada por São Paulo VI na *Mysterium fidei*), ou seja, torna *novamente presente* o fato acontecido no passado, mas que tem dimensões tão grandes que não pode ser entendido apenas como ato já acontecido e que não diz nada ao presente. Ou seja, na Eucaristia, o mistério do Cenáculo e da Cruz se torna *contemporâneo* à Igreja reunida, entra no *hoje* da assembleia.¹⁷⁷ É essa vida que brota do mistério pascal que se celebra, mistério que engloba a vida, paixão, morte, ressurreição e ascensão do Senhor, conforme evocam as diversas orações eucarísticas na parte que segue à aclamação memorial.

Dizer que a Eucaristia é *penhor de imortalidade* é ressaltar a dinâmica escatológica que há no mistério eucarístico: se, já nesta vida, a

¹⁷² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 290.

¹⁷³ HEINZ, Andreas. A trilogia Batismo-Confirmação-Eucaristia e a primeira comunhão. In: BROUARD, Maurice (Org.). **Eucharistia**: enciclopédia da Eucaristia. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2006, p. 735.

¹⁷⁴ MONSANI, 2022, p. 124-125.

¹⁷⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA E CARIBENHA. **A celebração do mistério pascal**: outras expressões celebrativas do mistério Pascal e a liturgia na vida da Igreja. Manual de Liturgia IV. Trad. Herman H. Watzlawich. São Paulo: Paulus, 2007, p. 32..

¹⁷⁶ Cf. CATECISMO..., 1999, p. 376; CIC 1366.

¹⁷⁷ CANTALAMESSA, Raniero. **O mistério da ceia**. Trad. Orlando Gambi. Aparecida: Santuário, 1993, p. 16-17.

comunhão no Corpo e Sangue de Cristo é capaz de atrair para aquele que comunga a graça de Deus, quanto mais o será quando estiver diante da glória de Deus, glória que a Eucaristia antecipa. Cada celebração da eucaristia (e, especialmente, essa eucaristia pascal) é uma nova súplica da Igreja a seu Esposo: “Vem, Senhor Jesus!”¹⁷⁸ Assim, celebrando o sacrifício que Jesus deixou como memorial de sua vida, morte e ressurreição, o olhar da Igreja se volta para as realidades últimas, quando atingirá a sua plenitude, unida totalmente ao Cristo vivo para sempre.¹⁷⁹

O prefácio começa situando a comunidade no mistério que se celebra: a “[...] noite em que Cristo, nossa Páscoa, foi imolado”.¹⁸⁰ Essa expressão, *imolação*, faz direta referência à antiga festa pascal, também celebrada na noite. A leitura que se proclama na missa da Ceia do Senhor evoca essa relação entre Jesus e o cordeiro da Páscoa judaica: “O cordeiro será macho, sem defeito e de um ano [...] e toda a assembleia da comunidade de Israel o imolará ao crepúsculo”.¹⁸¹ Jesus é a realização da figura que o cordeiro pascal judaico aponta; é um símbolo bastante presente em todo o tempo da Páscoa, inclusive em representações de arte litúrgica.

O cordeiro era como que um substituto: ao invés de morrerem os primogênitos de Israel, o cordeiro morria em seu lugar. O cordeiro protegia as casas, com o seu sangue aspergido sobre os marcos e a travessa das portas dos hebreus. Era a recordação de que Deus poupou os primogênitos do povo de Israel. O cordeiro da Páscoa judaica é figura do Cordeiro de Deus, sob o sangue do qual todos serão salvos, pois, diferentemente do cordeiro de Israel, não morre, mas tem a vida em plenitude:¹⁸² “Por trás da imolação do Cordeiro está o triunfo eterno e a vitória definitiva, assim como por trás da entrega abnegada e generosa está a alegria e a paz”.¹⁸³

¹⁷⁸ Ap 22,20.

¹⁷⁹ CATECISMO..., 1999, p. 388-389; CIC 1402-1405.

¹⁸⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 421.

¹⁸¹ Ex 12,5.6.

¹⁸² BEAUCHAMP, Paul. **A Eucaristia no Antigo Testamento**. In: BROUARD, Maurice (Org.). **Eucharistia**: enciclopédia da Eucaristia. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2006, p. 55-56.

¹⁸³ GARCÍA-MORENO, Antonio. *El Cuarto Evangelio: aspectos teológicos*. Pamplona, Ediciones Eunote, 1996, p. 67 apud MONSANI, Jefferson. **Vigília pascal**: história e mistagogia. São Paulo: Loyola, 2022, p. 137.

“Morrendo, destruiu a morte e, ressurgindo, deu-nos a vida”:¹⁸⁴ o prefácio, em toda celebração eucarística, aponta para o cerne do mistério que se está vivenciando. Nessa frase do prefácio da noite santa, está a síntese de todo o Tríduo Pascal e de tudo aquilo que se celebra na Vigília. Paulo apresenta as duas perguntas mais belas de todo o tempo pascal: “Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?”.¹⁸⁵ A morte, enfim, foi vencida pela vida; esse é o mistério da ressurreição de Jesus. Mergulhado na morte, Jesus vence-a e ela já não tem poder sobre o ser humano, pois este não foi feito para a morte, mas para a vida plena em Cristo. Mais uma vez, o Batismo aparece como dinâmica entre ser sepultado com Cristo para viver nele. A sequência da missa do domingo pascal evoca essa realidade: na luta entre a morte e a vida, quem vence é a vida, uma vitória definitiva e gloriosa.¹⁸⁶

O prefácio termina fazendo alusão à *alegria pascal*, que se torna tão grande que chega a transbordar.¹⁸⁷ A alegria é uma das características mais marcantes da Vigília Pascal e, por conseguinte, de todo o tempo da Páscoa. O Papa Francisco faz questão de recordar: “Existem momentos difíceis, tempos de cruz, mas nada pode destruir a alegria sobrenatural [...]”.¹⁸⁸ Essa alegria pascal transborda durante os cinquenta dias em que a Igreja celebra a glória de Jesus ressuscitado. Afastado o medo e a tristeza, tal qual aconteceu com os apóstolos, todo cristão é convidado a levar ao mundo a feliz notícia da ressurreição, crendo firmemente que essa vitória de Jesus é também vitória da humanidade redimida no seu sangue.¹⁸⁹

¹⁸⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 421.

¹⁸⁵ 1Cor 15,55.

¹⁸⁶ MONSANI, 2022, p. 133-136.

¹⁸⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 421.

¹⁸⁸ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*** sobre a santidade no mundo atual. Não paginado. Vaticano: 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#%C2%ABALEGRAI-VOS_E_EXULTAI%C2%BB>. Acesso: 05 mai. 2022; GeE, n. 125.

¹⁸⁹ MONSANI, 2022, p. 136-137.

2.4.2 Alterações no Cânon Romano (Oração Eucarística I)

Para a liturgia da Vigília Pascal, quando se usa a Oração Eucarística I, ou *Cânon Romano*, há duas modificações: a primeira delas encontra-se nos *Communicantes*, a segunda na oração que precede imediatamente à epiclesse.

A parte da primeira oração, chamada *Communicantes*, foi traduzida assim para o Missal Romano em uso atualmente no Brasil: “Em comunhão com toda a Igreja, veneramos a sempre Virgem Maria [...]”.¹⁹⁰ Esta prece tem um caráter de comunidade; usa-se aqui a terceira pessoa, *veneramos*, para indicar que aqueles que oferecem o sacrifício, o fazem em memória dos santos (entre os quais a Virgem ocupa o primeiro lugar). Essa oração é de *intercessão*; evoca a carta aos Romanos, quando Paulo exorta aos cristãos da comunidade de Roma que sejam solícitos às necessidades dos santos, apresentando assim uma belíssima memória dos nomes daqueles que já partiram e que a comunidade crê estarem na Igreja triunfante. Essa memória é também ressaltada na antiga anáfora de São Basílio.¹⁹¹ A mudança que o Missal infere no início da prece: “Em comunhão com toda a Igreja, celebramos a noite santa da ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo”.¹⁹²

Quanto à segunda alteração que se faz, é feita na oração chamada comumente pelas primeiras palavras latinas, *Hanc igitur*.¹⁹³ O trecho que é acrescentado àquilo que já se reza sempre assim versa: “Nós a oferecemos também por aqueles que fizestes renascer pela água e pelo Espírito Santo, dando-lhes o perdão de todos os pecados”.¹⁹⁴ Aqui, relacionam-se Batismo e Eucaristia como fontes de *perdão dos pecados*. Embora Batismo e Eucaristia não apareçam relacionados diretamente nas Escrituras neotestamentárias, entre os dois sacramentos se estabelece uma bonita relação, já que sem o Batismo não se pode tomar parte na Eucaristia. Se o Batismo incorpora o ser humano a Cristo, a Eucaristia manifesta essa profunda comunhão através da participação na mesma mesa, de forma real e plena. No Batismo, o ser humano é imergido na

¹⁹⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 470.

¹⁹¹ GIRAUDO, Cesare. **Num só corpo**: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003, p. 316-317; 378-379.

¹⁹² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 471.

¹⁹³ GIRAUDO, 2003, p. 378.

¹⁹⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 472.

morte e ressurreição de Cristo; na Eucaristia, é o Cristo que imerge no ser humano.¹⁹⁵

A narrativa da instituição da Eucaristia, segundo Mateus, faz uma relação com o perdão: “[...] pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”;¹⁹⁶ a Igreja assumiu essa concepção no texto litúrgico da narrativa. O Catecismo lembra que a Eucaristia, por causa da sua natureza de unir aquele que comunga ao que se dá inteiramente pela humanidade, fortalece a graça batismal e afasta do pecado. Como une o batizado a Cristo, purifica-o dos pecados que foram cometidos e preserva os futuros; a caridade, fortalecida pelo sacramento eucarístico, apaga os pecados ditos *veniais* e, mesmo que não perdoe os pecados mortais, a Eucaristia fortalece o amor.¹⁹⁷

2.4.3 Oração depois da Comunhão

Essa oração suplica, principalmente, o *amor* como fruto do sacramento pascal, com o qual a assembleia foi saciada.¹⁹⁸ Esse amor-caridade, expressão mais perfeita do que significa a Eucaristia, instituída numa refeição fraterna, é evidenciado na *comunhão* do Corpo e do Sangue do Ressuscitado, pois é esta comunhão que, unida ao empenho de cada membro, torna a Igreja cada vez mais unida a Cristo e ao Pai, pelo Espírito. A unidade se derrama na partilha, como que em um eterno paradoxo: aquele que divide, está unido, expressando através de atos a caridade com a qual o Senhor amou a cada pessoa.¹⁹⁹ Santo Agostinho assim exortou seus catecúmenos, lembrando os ensinamentos do Evangelho acerca do amor fraterno: “[...] assim como Ele ofereceu por nós a sua vida, assim também demos a nossa vida pelos nossos irmãos”.²⁰⁰

¹⁹⁵ PENNA, Romano. **A ceia do Senhor**: dimensão histórica e ideal. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2018, p. 104-107.

¹⁹⁶ Mt 26,28.

¹⁹⁷ CATECISMO..., 1999, p. 385-386; CIC 1392-1395.

¹⁹⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 291.

¹⁹⁹ CANTALAMESSA, 1993, p. 50-51.

²⁰⁰ AGOSTINHO DE HIPONA, 2020, p. 60; 1,4,7.

2.5 RITOS FINAIS

Nos ritos finais, o texto a ser analisado será o da *Bênção Final* e a *despedida especial*, textos que carregam elementos pascais e apontam para a vivência do mistério que se acabou de celebrar, como é próprio dos ritos finais: *enviar para a missão*.

A primeira invocação de bênção pede que o Senhor proteja o povo do pecado.²⁰¹ É uma verdade de fé que “[...] por sua morte Jesus nos liberta do pecado; por sua ressurreição ele nos abre as portas de uma nova vida”.²⁰² Assim, preservada do pecado, a Igreja pode agora se entregar às alegrias pascais, que perdurarão por cinquenta dias, até Pentecostes.

A segunda invocação aponta o Pai como princípio renovador do ser humano, em vista da vida eterna, através do evento maravilhoso da ressurreição do Senhor; o fruto dessa renovação é a *imortalidade*.²⁰³ Em que sentido se pode compreender esta *imortalidade*? Certamente, ligando-a ao sacramento batismal. Purificados dos pecados, aqueles que foram batizados se tornam filhos de Deus, crescendo na virtude, aumentando a fé e vivendo sob a ação e a inspiração do Espírito Santo; formando um só povo, os batizados formam o Corpo de Cristo, a Igreja.²⁰⁴

A última das invocações aponta o caminho feito até a Vigília Pascal: “[...] transcorridos os dias da paixão do Senhor, celebrais com alegria a festa da Páscoa”.²⁰⁵ O mistério da Paixão não pode ser entendido em si mesmo, como o último momento da história da salvação, mas aponta sempre para a realidade da *ressurreição*. O destino de todo cristão, apontado nessa terceira invocação, é a eternidade, onde haverá muita alegria e exultação,²⁰⁶ como aponta o livro do Apocalipse.²⁰⁷

A despedida, na língua latina, se faz com as palavras: *Ite, missa est*. Essa expressão era utilizada para despedir, na Igreja primitiva, os catecúmenos, logo após a liturgia da Palavra, bem como para despedir o povo após o término da celebração. Essa despedida tem um rico

²⁰¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 522.

²⁰² CATECISMO..., 1999, p. 188; CIC 654.

²⁰³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 523.

²⁰⁴ CATECISMO..., 1999, p. 352; CIC 1265-1267.

²⁰⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 523.

²⁰⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 523.

²⁰⁷ Cf; Ap 21,1-7.

significado, pois aponta para o fim da celebração da Eucaristia: transformar em vida e atitudes aquilo que foi celebrado. O mistério pascal é agente de transformação no mundo, através do testemunho de cada batizado, enviado para anunciar a verdade do Evangelho do Ressuscitado a todas as pessoas.²⁰⁸

O uso da palavra *Aleluia*, dita duplamente nessa despedida da Vigília Pascal, ressalta mais uma vez a tonalidade da alegria pascal. Lembra o Papa Francisco que existem aqueles que “[...] parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa”.²⁰⁹ É para esses, entristecidos e decepcionados, que cada cristão é enviado a proclamar a verdade celebrada nesta *mãe de todas as vigílias*: o Senhor ressuscitou e vive presente em sua Igreja.

²⁰⁸ MONSANI, 2022, p. 155-156.

²⁰⁹ FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii gaudium***. Vaticano: 2013. Não paginado. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso: 05 mai. 2022; EG 6.

3 PARA UMA ATIVA PARTICIPAÇÃO NA VIGÍLIA PASCAL

É uma exortação constante do Concílio Vaticano II que os fiéis tenham a disposição interior voltada para o culto a Deus na liturgia. O coração deve acompanhar as palavras, para que a graça divina seja derramada com abundância sobre cada fiel. Os pastores são responsáveis por cuidar que a participação de cada um seja *frutuosa e ativa*, com consciência do que está acontecendo na liturgia celebrada.²¹⁰ Assim, celebrar também é *compreender* o que se está fazendo – cada gesto, palavra, sinal, símbolo e momento litúrgico.

Depois de ter percebido, na ritualidade e nas eucologias da celebração da Vigília Pascal, os elementos espirituais que a compõem, através da compreensão de cada momento, é preciso também que se reflita sobre a forma como a Vigília Pascal é celebrada nas comunidades cristãs. Facilmente, corre-se o risco de tornar a celebração mais importante do Ano Litúrgico em uma *missa de sábado à noite*, que já celebra a liturgia de domingo, tirando tudo aquilo que lhe é próprio.

Tudo na celebração da Vigília aponta para a realidade da Páscoa – a noite em que é celebrada, os sinais (sacramentais e simbólicos), as leituras, a escolha das orações. Mas, para que seja uma celebração profundamente marcada pela alegria pascal, é preciso conscientizar e formar a comunidade cristã como um todo, bem como investir tempo e recursos na preparação adequada dessa grande festa da Igreja, a maior delas: a Páscoa da Ressurreição.

3.1 O HORÁRIO DA VIGÍLIA

O Missal Romano traz como indicação que a celebração da Vigília nunca comece antes do anoitecer do sábado e não se prolongue até que já tenha amanhecido o domingo.²¹¹ Diante da realidade histórica, que foi antecipando o horário a ponto de descaracterizar toda a celebração da Vigília em honra do Ressuscitado, a Igreja aponta que essa orientação deve ser seguida à risca; nem às horas tradicionais de celebração vespertina com liturgia dominical se pode iniciar a vigília, para deixar claro seu caráter diferenciado e próprio. Algumas razões podem ser apresentadas para adiantar o horário, como o perigo de segurança das pessoas que participam, mas a própria Igreja ressalta que na noite de Natal

²¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2007, p. 145; SC 11.

²¹¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 270.

ou em algumas reuniões noturnas esse fator não é levado em consideração; portanto, qualquer costume contrário a isso deve ser evitado.²¹²

É preciso compreender o sentido dessa norma: não se pode celebrar uma vigília *noturna* ainda com a claridade da luz do dia, pois a verdade dos sinais é importantíssima para a liturgia da Vigília.²¹³ Sendo assim, faz-se necessário refletir sobre os sinais e símbolos que são colocados em evidência na celebração da Vigília Pascal.

3.2 A VERDADE DOS SINAIS E DOS SÍMBOLOS DA VIGÍLIA PASCAL

A celebração sacramental é construída com símbolos e sinais visíveis. Desde os primórdios da humanidade, a simbologia e a realidade do *sinal* é marcante, pois o ser humano é corporal e espiritual; assim, para exprimir a realidade espiritual, usa de elementos materiais para que consiga construir comunicação com os outros seres humanos e também com a realidade divina. A natureza possibilita a contemplação do mistério divino; por exemplo, a luz e o vento falam de Deus, e simbolizam sua grandeza. Mas, além dessa simbologia natural, os atos da vida humana mais básicos também podem ser sinais e símbolos: partilhar o pão e ungir, por exemplo, são realidades que a liturgia da Igreja assumiu e transformou em sinais de Jesus Cristo.²¹⁴

Para Rovira Beloso, o *sinal* é “[...] a dimensão visível da intervenção livre de Deus para curar, refazer e santificar as criaturas humanas”.²¹⁵ O sinal não apenas manifesta o poder divino, mas o seu amor; assim, é uma espécie de presentificação da intervenção de Deus na história humana. O Concílio Vaticano II já ressalta a importância dos *sinais sensíveis* para a plena participação na ação litúrgica, pois celebram-se na liturgia a história da salvação e seus efeitos; essa celebração se dá através de ritos, de tempos determinados e de *sinais*, sendo o maior deles o próprio Cristo. Na celebração dos sacramentos, não se celebram ritos

²¹² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2018, p. 35, n. 78.

²¹³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2018, p. 40, n. 93.

²¹⁴ CATECISMO..., 1999, p. 322-323; CIC 1145-1149.

²¹⁵ BELLOSO, Joseph M. R. **Os Sacramentos: símbolos do Espírito**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 50.

vazios de sentido, mas através de palavras e gestos, celebra-se a salvação que o Cristo operou.²¹⁶

É preciso compreender que “[...] a liturgia não é mais que o contato vivo com a pessoa do Ressuscitado por meio dos sinais sacramentais, para participar em sua vida e para espalhar pelo mundo a salvação que brota do mistério da Páscoa”.²¹⁷ Assim, a celebração da Vigília Pascal traduz, na linguagem simbólica, as realidades que celebra. Gestos, palavras, objetos – tudo fala do mistério da ressurreição.

A primeira grande simbologia da celebração pascal é a *luz*. É justamente ao redor de uma fogueira que começa a Vigília Pascal. Pouco a pouco, a luz vai passando de mão em mão, até que chegue a todos e dissipe as trevas da igreja onde os fiéis se reúnem. É acesa mais uma vez para a renovação das promessas batismais. A luz é análoga ao elemento do *fogo*; particularmente na Vigília Pascal, o *fogo novo* tem seu destaque. Por meio desses sinais, a Igreja procura presentificar e apontar simbolicamente para o mistério de salvação contido na Páscoa de Jesus. A aclamação *Eis a luz de Cristo*, ao mostrar o Círio Pascal aceso, convida a todos para que, portando a luz do fogo novo nas mãos, possam testemunhar que a luz da ressurreição do Senhor vence qualquer escuridão, inclusive a tenebrosa escuridão da morte. É Deus quem ilumina a caminhada do ser humano; por isso, a luz também evoca o simbolismo da *vigilância* e da *espera* pelo Senhor.²¹⁸ Portanto, se a luz simboliza todas essas realidades, precisa ser *abundante* e *real*. Na liturgia, tudo que é artificial não tem espaço, porque não carrega a força de simbolismo. É por isso que a Igreja orienta explicitamente: “[...] prepare-se, fora da igreja, em lugar conveniente, o braseiro para a bênção do fogo novo, cuja chama deve ser tal que dissipe as trevas e ilumine a noite”.²¹⁹

Unido ao símbolo da luz, está o *Círio Pascal*, sobre o qual já se falou no capítulo anterior. Aqui, apenas se fará aceno às condições para a verdade simbólica do círio, que nunca deve ser esquecida. Na Vigília, ao acender-se no fogo novo o círio pascal, a Igreja proclama de novo que o Cristo ressuscitado, que venceu a morte, é o sol sem ocaso, a luz que brilha no mundo e para o mundo; aceso, incensado e usado para a

²¹⁶ GOEDERT, Valter. A Liturgia no Concílio Vaticano II. **Revista Encontros Teológicos**, n. 62, Ano 27, n. 2, 2012, p. 81-94, p. 84-86.

²¹⁷ CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 129.

²¹⁸ NÚCLEO DE CATEQUESES PAULINAS, 2021, p. 115-116.

²¹⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2018, p. 37, n. 82.

aclamação de fé pascal, é o símbolo diante do qual se canta o *Exsultet*.²²⁰ Para que se ateste ainda mais a verdade desse símbolo pascal, a Igreja orienta que seja sempre feito de cera, não-artificial, sempre novo (renovado a cada ano) e tenha um tamanho considerável; é abençoado e aceso conforme as instruções do Missal, podendo haver adaptações por parte da Conferência Episcopal.²²¹ Ressalta-se, assim, a importância dessa grande vela na qual brilha a luz do Ressuscitado para a comunidade como *símbolo* da luz do Ressuscitado, que permanece ao lado do ambão da Palavra durante todo o tempo da Páscoa, até a solenidade de Pentecostes.

Outro símbolo bastante significativo da Vigília Pascal é a *água*. É um dos elementos mais básicos para a sobrevivência humana; serve para higienizar, saciar a sede e eliminar as impurezas. Serve também para irrigar a terra e torná-la fértil. Os poderosos já brigam por esse inestimável bem natural, que cobre três quartos da superfície da Terra. Para as diversas culturas, a água é vista como *fonte/origem da vida*, como *purificação* e como *regeneração do corpo e do espírito*. Judeus e cristãos se valem da água para explicitar o misterioso desígnio salvífico de Deus, desde as águas caóticas da Criação. A água traz fecundidade e manifesta a bondade de Deus Criador; a chuva que fecunda a terra, o orvalho que faz o lírio florescer, a árvore plantada junto das águas são sinais dessa bondade manifestada através da água. No diálogo de Jesus com a samaritana, ele ofereceu a água que realmente saciaria a sua sede. Ele mesmo é a fonte de água viva, que jorra sempre. Assim, a Igreja assume para si o sinal da água batismal, que explicita o mistério profundo da vida nova que Deus dá a cada ser humano no momento de seu Batismo.²²²

Para a celebração batismal na noite pascal, a água se reveste de um significado particular. Celebrar o Batismo na noite da ressurreição do Salvador é dizer aquilo que Paulo disse aos Romanos: o Batismo é um *sepultamento na morte de Cristo* e uma *ressurreição para a vida nova*.²²³ É por isso que a Igreja sabiamente orienta: “Convém que a água seja abundante, de modo que o batismo apareça como uma verdadeira passagem pela água ou banho”.²²⁴

²²⁰ BUYST, 1998, p. 42.

²²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2018, p. 37, n. 82.

²²² MONSANI, 2022, p. 85-88.

²²³ FIORE, Carlo. **A liturgia do Povo de Deus: a Constituição sobre a Liturgia explicada ao povo**. Trad. D. Hildebrando P. Martins. Lumen Christi: Rio de Janeiro, 1966, p. 76.

²²⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 99, n. 220.

Unido ao rico simbolismo da água batismal, está o *óleo* que é utilizado para a administração do sacramento do Batismo. Dois óleos são usados na ocasião: o óleo *dos catecúmenos* (pré-batismal) e o óleo *do santo Crisma* (pós-batismal). O óleo, desde a antiguidade, tem vários usos: amaciar a pele, tornar o unguento mais ágil, como no caso dos atletas, curar (como o bálsamo), alimentar, fazer irradiar a beleza (uso cosmético). Nas Escrituras, a *unção* é vista como um ritual sagrado; reis, a Tenda e sua mobília, a Arca da aliança, os profetas e sacerdotes eram unguentos por serem sinais de *consagração* e de *eleição*. Daí deriva também o nome com que Jesus foi chamado: *o Cristo*, aquele que é Ungido, não por um ser humano, mas pelo próprio Pai; aquele sobre o qual repousa o Espírito Santo, no dia de seu batismo no Jordão.²²⁵

No caso da unção pré-batismal, feita com o óleo dos Catecúmenos, o óleo tem o sentido de *sanar* a alma das manchas que o pecado causou, bem como de *fortificar* o corpo. Na Antiguidade, os atletas utilizavam o óleo para terem força e agilidade; o catecúmeno é unguento para que se fortifique em vista da luta que travará contra o mal, durante toda a vida, mas no próprio rito batismal: o mal é sepultado e o batizado recebe uma vida nova de Cristo ressuscitado.²²⁶ A unção depois do Batismo, feita com o óleo do Crisma sobre a cabeça (não sobre a fronte) do batizado é feita apenas quando na celebração não se confere o sacramento da Confirmação aos neófitos. Essa unção designa a participação de cada fiel no tríplice múnus de Cristo: profético, sacerdotal e real.²²⁷ Convém, portanto, que as duas unções sejam feitas *com óleo abundante*, para que o sinal fique mais evidente e leve a todos os presentes na celebração a contemplarem, no sinal, a realidade espiritual.

Ainda há um terceiro símbolo relacionado ao sacramento do Batismo: a *veste branca*. Ela simboliza o novo ser humano, a veste de incorruptibilidade da qual fala São Paulo. É o símbolo de dois dos aspectos do sacramento batismal: a *pureza de alma* e a *incorruptibilidade corporal*. Muito mais do que a cor de uma roupa, a veste branca simboliza uma realidade espiritual profunda: a pureza que faz cada batizado participante da glória que Jesus demonstrou no cume do monte Tabor aos seus discípulos; aquele que se deixa batizar é purificado. Restaura-se, no Batismo, aquela dignidade primitiva que tinha Adão quando foi criado por Deus; ao despir velhos costumes, como uma roupa que se despe, manifesta-se a veste branca como a recuperação da luz na qual viviam

²²⁵ NÚCLEO DE CATEQUESES PAULINAS, 2021, p. 109-110.

²²⁶ DANIELOU, 2013, p. 66-67.

²²⁷ BUYST, 1998, p. 63.

imersos os primeiros seres humanos criados por Deus. O branco, nas Escrituras, é a cor das vestes sagradas, tanto na liturgia de Israel (sacerdotes que portavam túnicas de linho branco) quanto na liturgia celeste (os vinte e quatro anciãos vestidos de branco); assim, aludem ao sacerdócio cristão batismal. Vestir-se de branco conota também a glória dos mártires que, no momento da morte, estão com as vestes alvejasdas; a veste branca é a veste dos ressuscitados.²²⁸

Por fim, na liturgia da Vigília Pascal, dois importantes sinais são *o pão e o vinho*, que se converterão no sacramento da Eucaristia. A refeição é um elemento básico da vida humana; alimentar-se é necessário para a sobrevivência, pois é preciso saciar a fome e a sede. O ser humano, por ser *relacional*, usa da refeição também para expressar alegria, festa, celebração; o alimento realça também a dinâmica da comunhão, inclusive com os que já partiram. Existe, desde as religiões místicas, a *refeição sagrada*, na qual toma-se parte para estreitar laços com a divindade.²²⁹ O Antigo Testamento fornece diversas figuras do sacramento eucarístico: o *maná*, que alimentou o povo na travessia do deserto; a oblação de Melquisedec, *pão e vinho*; o *sangue* nos marcos e na travessa das portas das casas dos hebreus, para afastar o anjo exterminador; o *cordeiro imolado ao cair da tarde*, para a celebração da Páscoa judaica.²³⁰

São Justino, no segundo século, já destaca o rito da *apresentação das oferendas*, no qual levam-se ao presidente o pão e um cálice com uma mistura de vinho e água; este os toma e bendiz a Deus.²³¹ São Gaudêncio se utiliza das particularidades do pão e do vinho para demonstrar o mistério da Igreja:

Com razão se considera o pão como uma imagem inteligível do Corpo de Cristo. De fato, assim, como para fazer o pão é necessário reunir muitos grãos de trigo, transformá-los em farinha, amassar a farinha com água e cozê-la ao fogo, assim também o corpo de Cristo reúne a multidão de todo o gênero humano [...]. Do mesmo modo, o vinho do seu sangue, proveniente de muitos cachos, quer dizer, feito de uvas da videira por ele plantada, espremido no lagar da cruz, fermenta por si mesmo

²²⁸ DANIÉLOU, 2013, p. 74-78.

²²⁹ BUYST, 1998, p. 74.

²³⁰ CANTALAMESSA, 1993, p. 7-8.

²³¹ CATECISMO..., 1999, p. 371; CIC 1345.

em amplos recipientes que são os corações dos fiéis.²³²

Portanto, a verdade dos sinais de pão e vinho precisam ser valorizadas e colocadas em evidência. A própria *Instrução Geral do Missal Romano* traz orientações sobre como devem ser o pão e o vinho colocados à disposição da Igreja para o sacrifício eucarístico. O pão deve ser sempre sem mistura, feito de trigo, feito recentemente e sem adição de fermento. O vinho deve ser feito de uvas, puro e natural (sem misturas). Devem estar em perfeito estado de conservação.²³³ Continua orientando a mesma *Instrução*: “A verdade do sinal exige que a matéria da Celebração eucarística *pareça realmente um alimento*”.²³⁴ No caso da Vigília Pascal, a Igreja orienta que, a juízo do Ordinário do lugar, receba-se a comunhão sob as duas espécies, para que o sinal eucarístico seja ainda mais evidenciado.²³⁵

Assim, percebe-se como são importantes os sinais e símbolos na liturgia, particularmente na liturgia da Vigília Pascal. O ato de celebrar não é apenas suceder rito após rito, ou apenas mera assistência a algo que acontece exteriormente, mas envolve a vida da comunidade de fé, alegria, beleza e festa, interna e externamente. É preciso, portanto, respeitar a verdade de cada sinal, recuperando seu sentido profundo, dando expressividade aos gestos, palavras e simbolismo da celebração. A cultura do secularismo reprime e reduz o sinal, tirando-lhe o seu sentido transcendental. Algumas Igrejas ao redor do mundo e alguns movimentos de novas comunidades têm feito um bonito esforço para recuperar a solenidade, a beleza e a sobriedade dos ritos litúrgicos, particularmente no que diz respeito à preparação batismal e à festa da Páscoa.²³⁶ Celebrar bem é deixar com que os sinais e símbolos falem por si, e tenham sua força de expressão: “[...] devem ser realizados com tal dignidade e expressividade, de maneira que os fiéis possam verdadeiramente

²³² GAUDÊNCIO DE BRESCIA. *Sermo 2 de Exodi Lectione Secundus: PL* 20,860-862 apud MONSANI, Jefferson. **Vigília pascal: história e mistagogia.** São Paulo: Loyola, 2022, p. 153.

²³³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 84, n. 281-286.

²³⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 84, n. 283, grifo nosso.

²³⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2018, p. 40, n. 92.

²³⁶ CASTELLANO, 2008, p. 333-334.

compreender o significado, sugerido pelas advertências e orações litúrgicas”.²³⁷

3.3 A ESCOLHA DAS LEITURAS E OPÇÕES DE TEXTOS LITÚRGICOS

Nas catequese sobre a Missa, o Papa Francisco ressalta que ouvir as leituras que são proclamadas, bem como os salmos que as seguem, faz parte da expressão do *ser Igreja*, reunida ao redor da mesma mesa para ouvir a Palavra de Deus, que acompanha a caminhada de todo o Povo Eleito e de cada cristão batizado. Segundo o pontífice, é por isso que não se podem livremente omitir ou substituir as leituras bíblicas por outros textos; na Liturgia da Palavra, é Deus que deseja falar ao coração humano, através do texto bíblico e da proclamação litúrgica.²³⁸

Como apresentado no capítulo anterior, cada leitura bíblica tem seu próprio significado e importância na espiritualidade e na estrutura da Vigília Pascal. Nenhuma leitura foi escolhida por acaso. Algumas foram tomadas do antigo *Ordo* de 1951; outras foram inseridas após a reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Retomando o costume dos primeiros cristãos, que passavam a noite toda em vigília de oração, a Igreja insiste na importância de se manter a estrutura da Vigília, inclusive no seu número aparentemente grande de leituras e salmos responsoriais. Tal insistência se dá pelo fato de que a Liturgia da Palavra, inserida no contexto da Vigília Pascal, recorda a história da salvação e a interpreta à luz da Páscoa de Cristo.²³⁹

Uma das rubricas referentes à Liturgia da Palavra no Missal Romano deixa claro que é por *razões pastorais* que se podem omitir algumas leituras; entretanto, a terceira leitura, do livro do Êxodo, jamais poderá ser omitida,²⁴⁰ pois serve de fundamentação tipológica para a Liturgia Batismal. A Igreja ainda orienta que se façam pelo menos três das sete leituras do Antigo Testamento, e somente em casos particulares

²³⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2018, p. 36-37, n. 82.

²³⁸ PAPA FRANCISCO. **A Santa Missa**. Coleção “Catequese do papa Francisco”. São Paulo: Paulus, 2018, p. 42-43.

²³⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 38, n. 85.

²⁴⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 279.

reduzi-las a duas. O que se destaca, nessa orientação, é que a Liturgia da Palavra é um elemento *central* na celebração da noite pascal.²⁴¹

Às vezes, o afã de tornar tudo muito prático na liturgia, reduzindo a celebração de um mistério tão maravilhoso às estruturas temporais, leva arbitrariamente à omissão das leituras, sem levar em consideração a estrutura da Liturgia da Palavra. Bergamini ressalta: “[...] o tempo dedicado a estas leituras não é apenas um meio para fazer com que os fiéis permaneçam na Igreja até a ‘missa da meia-noite’ [...], mas é parte essencial da própria celebração eucarística”.²⁴² É preciso que os pastores motivem a comunidade para a participação nessa celebração, e ao mesmo tempo tenham o devido zelo e cuidado com a proclamação da Palavra de Deus na noite pascal.

Das nove leituras que se fazem nessa noite (sete do Antigo Testamento, a Epístola de Paulo, o Evangelho), retira-se uma base catequética sobre o batismo e sobre a Páscoa de Cristo. Evocando o *Targum* judaico, que celebra a noite da Páscoa judaica como memória das *quatro noites* (criação, sacrifício de Isaac, êxodo, chegada messiânica), as leituras proclamadas na Vigília têm uma sequência lógica e espiritual que precisa ser respeitada. É próprio de qualquer vigília essa dinâmica de memória, e até mesmo de uma certa demora; é a leitura dos textos propostos, em sua integralidade, que confere a essa celebração seu caráter de Vigília por excelência. O povo reza em comum à espera do Salvador; por isso, convém que a Liturgia da Palavra na celebração da noite pascal seja longa.²⁴³

Resta, ainda, a questão: *se tiverem que ser omitidas algumas leituras, quais delas deveriam ser mantidas?* É uma pergunta que carece de muita reflexão. A Igreja orienta que se façam alterações se houver realmente necessidade pastoral que o exija; uma dessas necessidades pastorais pode ser a condição da assembleia que celebra. Mas, se não há motivo aparente para reduzir, a integridade da Liturgia da Palavra deveria ser mantida, sobretudo por causa do significado que tem a escuta dos textos veterotestamentários: “O significado tipológico dos textos do Antigo Testamento tem as suas raízes no Novo Testamento, e aparece sobretudo na oração pronunciada pelo celebrante depois de cada uma das leituras [...]”.²⁴⁴

²⁴¹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 279.

²⁴² BERGAMINI, 1994, p. 359.

²⁴³ MARTIMORT, 1992, p. 52-53.

²⁴⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 38, n. 86.

No que concerne às orações que seguem após as leituras, em sua maioria vindas do Sacramentário Gelasiano, há algumas opções de escolha para alguns casos. Cada oração tem a sua particularidade e expressa, em linguagem de prece, o que foi proclamado anteriormente.²⁴⁵ Assim, é de livre escolha do presidente a oração que segue após as leituras proclamadas. Cada uma tem a sua rica simbologia e linguagem. Para isso, a preparação anterior da celebração da Vigília Pascal é fundamental. Não basta apenas recitar os textos que estão indicados, mas ler antes, preparar a comunidade, refletir sobre o que se vai rezar.

3.4 A VIGÍLIA PASCAL, LUGAR DA INICIAÇÃO CRISTÃ

Como já refletido no capítulo anterior, a celebração da Vigília é também *celebração de iniciação cristã*. O Rito de Iniciação Cristã de Adultos evidencia o fato, ao inserir a celebração dos três sacramentos de Iniciação na noite da Páscoa.²⁴⁶ É preciso recordar que, nas religiões místicas antigas e tribos primitivas, um adolescente precisava passar por ritos iniciáticos antes de fazer parte plenamente da tribo; isso acontece ainda hoje em seitas e em algumas sociedades.²⁴⁷ Com a Igreja não é diferente; desde seus primórdios, o *catecúmeno* passa por um processo de iniciação, que culmina na celebração dos três sacramentos iniciáticos – Batismo, Confirmação e Eucaristia.

Há testemunhos do século II da era cristã que colocam a administração dos sacramentos de Iniciação Cristã na noite pascal, pelo sentido da imersão em Cristo, morto e sepultado, e da ressurreição espiritual que advém do Batismo. Assim, a Igreja celebra a noite em que comemora a vitória de seu Senhor sobre o mal e a morte com a acolhida dos novos filhos e filhas na fé comum, dando-lhes a oportunidade dos demais Sacramentos. Nos escritos patrísticos, é possível encontrar diversas referências e informações sobre a prática da administração do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia na Vigília Pascal, depois de um processo de catecumenato; a preparação mais imediata começava no primeiro domingo da Quaresma, com o rito da *inscrição*.²⁴⁸

Até o séc. V, essa prática se difundiu em toda a Igreja. Depois do Edito de Milão (313) e do Edito de Tessalônica (380), cessou a perseguição aos cristãos; isso levou a população a batizar-se sem o

²⁴⁵ MARTIMORT, 1992, p. 53.

²⁴⁶ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 93, n. 208.

²⁴⁷ FIORE, 1966, p. 73.

²⁴⁸ MONSANI, 2022, p. 89-91.

verdadeiro desejo de seguir Jesus Cristo, mas simplesmente por *status*. Assim, em torno dos séculos VII e VIII, o catecumenato desapareceu na Igreja, causando seríssimos danos à relação entre a catequese e a liturgia. Como a comunidade não tinha suporte para formar tantos cristãos ao mesmo tempo, a iniciação reduziu-se apenas à Quaresma, e depois ficou somente na celebração batismal. Os três sacramentos de iniciação se separam; desaparece, assim, a ligação profunda entre catequese e liturgia, transformando o processo catequético em *doutrinal* e *intelectual*. A catequese das crianças aparece com destaque na Idade Média, pois a família era a responsável por ensinar a prole em matéria de fé. Do séc. XVII em diante, a catequese inicial era administrada nas chamadas *escolas paroquiais*, descaracterizando ainda mais a mistagogia própria do processo de iniciação cristã; ao mesmo tempo, a liturgia tornou-se *ação do clero* (com todos os aparatos possíveis), e os leigos ficaram relegados à simples espectadores. Depois da Reforma protestante, Trento motiva um catecismo para instrução da fé; começa, assim, a *era dos catecismos*, que perdurou até o Concílio Vaticano II.²⁴⁹

A iniciação supõe transformar-se em algo que até então não se era. Passar por um processo iniciático é deixar-se afetar inteiramente: identidade, relações com os outros e com Deus. É por isso que, no caso da *iniciação cristã*, exige-se a conversão: mudança radical de atitudes para uma vida nova. A fé na pessoa e no projeto de Jesus ressuscitado transformam cada pessoa humana; e, se a páscoa de Jesus é também a páscoa de cada cristão, aquele que foi iniciado precisa abandonar os preconceitos, as discriminações e a frieza do legalismo, pois Cristo já superou tudo isso na sua paixão e ressurreição.²⁵⁰ Assim sendo, a celebração da Vigília Pascal é o lugar de celebrar os três sacramentos com os catecúmenos. Pode-se dizer que os três sacramentos de iniciação cristã constroem a pessoa que crê em Jesus: o Batismo provoca o nascimento para a vida em Deus, a Confirmação dá a possibilidade de crescer até a maturidade cristã e a Eucaristia nutre o caminho.²⁵¹

As orientações de que a iniciação cristã completa (Batismo, Confirmação, Eucaristia) se faça na celebração da Vigília Pascal permanece: “[...] tenha a Quaresma absoluta primazia para a mais intensa preparação dos eleitos e seja a Vigília Pascal considerada como o tempo

²⁴⁹ BARBOSA NETO, João dos Santos; CARVALHO, Humberto Robson de. **Catequese, liturgia e mistagogia**. São Paulo: Paulus, 2021, p. 37-40.

²⁵⁰ INICIAÇÃO À LITURGIA, p. 45.

²⁵¹ FIORE, 1966, p. 73.

próprio para a iniciação nos sacramentos”.²⁵² Essa orientação tem caráter pastoral e catequético, pois se a liturgia, “[...] por meio de seus símbolos e de seus ritos, promove a abertura do ser humano ao transcendente”,²⁵³ então é o espaço privilegiado para relembrar a todo o Povo de Deus sobre a importância, a dignidade e a missão de cada batizado na Igreja e no mundo. A Vigília Pascal é, por excelência, o espaço onde celebram-se os sacramentos da iniciação cristã, pois assim fica demonstrado que tudo começa na noite santa em que o Senhor ressuscitou; é a partir da ressurreição que tudo ganha novo impulso. Lembra o apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: “E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé”.²⁵⁴

A Igreja do Brasil tem feito, nos últimos anos, a opção pela *Iniciação à Vida Cristã* como processo de imersão das crianças, adolescentes e famílias na vivência do Evangelho e na participação eclesial. Essa participação, no entanto, não é apenas formação intelectual, mas antes de tudo é um processo vivido em unidade com o Senhor e com a sua Igreja, na celebração litúrgica e na compreensão gradual dos mistérios celebrados. Por isso, é preciso recordar sempre: “A catequese e a liturgia são dois rios que nascem da única fonte que é o mistério pascal de Jesus Cristo”.²⁵⁵

3.5 A PREPARAÇÃO ADEQUADA

A Carta Circular *Paschalis Sollemnitatis*, que trata das celebrações da Semana Santa e do Tríduo Pascal, traz indicações bastante interessantes para a preparação da Vigília Pascal. Orienta que o povo cristão deve, nessa noite, celebrar com a riqueza das orações e dos ritos, favorecendo a participação dos fiéis (inclusive com presença de ministros, leitores e cantores para todos os momentos) e respeitando a verdade de cada sinal. Quando não é possível celebrar em todas as comunidades, a orientação é que se reúnam várias comunidades em uma só igreja, para que não falte à celebração da Vigília seu caráter de festa (pelo reduzido número de fiéis, por exemplo). Outra orientação bastante interessante é a de que a Vigília Pascal *não é o último ato do Sábado Santo*. Já é celebração pascal, *na noite pascal*; assim, é responsabilidade

²⁵² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2001, p. 19, n. 8.

²⁵³ BARBOSA NETO; CARVALHO, 2021, p. 100.

²⁵⁴ 1Cor 15,14.

²⁵⁵ BARBOSA NETO; CARVALHO, 2021, p. 71.

dos pastores formar os fiéis na importância de participar dessa que já é a Missa da Páscoa, e participar dela em sua totalidade.²⁵⁶

Em muitas comunidades, o povo se dispõe a passar uma boa parte da noite para celebrar o Natal, por exemplo, mas ainda não se entendeu que é a Vigília Pascal a *Vigília por excelência*. É um tesouro que ainda permanece oculto, infelizmente, à maior parte dos católicos. Em algumas comunidades, celebra-se a Vigília Pascal como simples missa vespertina dominical, antecipada para a tarde do sábado. Para que haja uma participação frutuosa, plena, ativa e consciente, como repropôs o Concílio Vaticano II, na celebração da Vigília Pascal, é preciso que os textos sejam conhecidos, os sinais sejam valorizados e a celebração seja devidamente preparada e organizada. Mas a celebração da Vigília passa também por uma preparação *interior*: pastores e fiéis precisam estar com os corações abertos e plenos da consciência de que essa celebração é o ápice de todo o Ano Litúrgico e é o centro do Tríduo.²⁵⁷

Sabidamente, a Igreja orienta:

Para poder celebrar a vigília pascal com o máximo proveito, convém que os próprios pastores adquiram um conhecimento melhor tanto dos textos como dos ritos, a fim de poderem *dar uma mistagogia que seja autêntica*.²⁵⁸

Como fonte inesgotável de espiritualidade, a celebração da ressurreição de Jesus na noite santa da Páscoa precisa suscitar no coração de todos os cristãos católicos a alegria de proclamar, nessa noite e em todo o ano litúrgico, o anúncio maravilhoso do qual a Igreja é portadora: *Cristo ressuscitou e venceu a morte*.

²⁵⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2018, p. 40-41, n. 93-95.

²⁵⁷ MONSANI, 2022, p. 159-160.

²⁵⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2018, p. 41, n. 96, grifo nosso.

CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso procurou dedicar-se a apontar, nos ritos e na eucologia da Vigília Pascal, elementos de espiritualidade que apontam para o mistério pascal de Cristo. A fé cristã baseia-se nesse mistério: Cristo viveu, sofreu, morreu e ressuscitou. Diante das análises feitas, a partir de diversas fontes (bíblicas, patrísticas, teológicas, litúrgicas), pôde-se perceber que a liturgia da noite da Páscoa está repleta de elementos espirituais, com uma liturgia riquíssima e com origens nos primórdios da fé cristã.

O primeiro capítulo da presente pesquisa empenhou-se em apresentar a Vigília Pascal dentro da história da Igreja. Percebendo os pormenores de cada época, bem como as influências dos Padres e da prática litúrgica dos vinte séculos de história, é possível perceber que a estrutura permaneceu basicamente a mesma, desde o séc. II. Algumas introduções foram feitas, outras coisas foram suprimidas ao longo do tempo, mas a Vigília Pascal permanece sendo a liturgia mesma da Páscoa, com seu riquíssimo simbolismo e seu caráter festivo.

Analisando a história de toda a Vigília, que perpassa os diversos momentos e tendências da teologia litúrgica da Igreja, pode-se claramente perceber a importância desta celebração na vida eclesial; sendo a Vigília uma celebração por excelência *batismal* e *pascal*, reflete naturalmente a fé cristã na ressurreição do Senhor e a inserção no Povo de Deus pelo sacramento do Batismo.

O segundo capítulo da pesquisa dedicou-se ao estudo, detalhado e profundo, dos elementos simbólicos, da eucologia e dos ritos próprios da celebração da Vigília Pascal, buscando olhá-los sob a ótica da espiritualidade pascal, percebendo no todo e nas partes desta celebração da Páscoa do Senhor os elementos espirituais e teológicos que a compõem. Analisados cada rito, cada oração e a sequência lógica e litúrgica dos momentos, vê-se que a Vigília Pascal ressalta elementos bastante importantes da espiritualidade cristã: a superação do pecado, a graça santificante do Batismo, a ressurreição como ápice da história da salvação, o caminho que Deus fez com seu povo até chegar ao ponto do mistério pascal de Cristo, a participação na mesa eucarística como sinal da *parusia* (refeição escatológica), a alegria e o esplendor da festa da Páscoa.

Assim, é possível perceber a importância e a riqueza desta celebração pascal, que atinge toda a vida eclesial da comunidade de fé. Cada elemento e cada rito mostra a plenitude da obra da salvação, que se

dá com a ressurreição de Jesus dentre os mortos e conduz cada pessoa batizada à plena comunhão de vida e amor com o Senhor ressuscitado.

O terceiro capítulo da pesquisa procurou apontar caminhos para uma participação ativa, profunda e eficaz na celebração da Vigília Pascal em cada paróquia e comunidade. Diante de uma realidade que aponta o desconhecimento sobre essa celebração, faz-se necessário apontar alguns caminhos pastorais práticos para que a celebração da Vigília Pascal alcance sua plenitude e tenha o devido destaque nas celebrações litúrgicas da comunidade de fé. Nesse capítulo, destacou-se, principalmente, a questão dos *sinais* e *símbolos* na Vigília Pascal, refletindo sobre cada um deles e apontando sua profunda significação para aquele contexto; compreender cada sinal e cada símbolo é necessário, sem recheiar a celebração com comentários irrelevantes e desnecessários. O sinal, bem como o símbolo, deve falar por si, pois tem força própria de expressão.

Portanto, toda e qualquer preparação para a Vigília tem um único objetivo: levar cada cristão e cristã a celebrar com consciência plena e fé viva a verdade da Ressurreição de Jesus, vendo na noite escura brilhar a Luz que ilumina a vida de toda a Igreja, ainda peregrina. A preparação prática necessita ser precedida da preparação espiritual e formativa, que permite a todo fiel conhecer profundamente o mistério que será celebrado. É interessante que a Carta *Paschalis Sollemnitatis* ressalta, inclusive, a preparação do presidente da celebração, indicando que é importante o prévio conhecimento dos ritos e dos textos, em vista de uma mais profunda *ars celebrandi*.

No que consiste, então, a *espiritualidade litúrgica da Vigília Pascal*? Basicamente, em perceber nos diversos ritos e eucologias dessa celebração pascal a riqueza inesgotável da ressurreição do Senhor, evento fundante da fé cristã, e seus desdobramentos na vida pessoal de cada batizado e na vida da Igreja, comunidade de batizados. É justamente por esse motivo que a celebração da noite da Páscoa não pode ser vivida com pressa ou ser cortada arbitrariamente em suas bases (liturgia da Palavra, liturgia batismal), pois isso seria privar o povo cristão de celebrar com profundidade o mistério da ressurreição de Cristo. Podem-se, dentro das indicações da Igreja, adaptar os vários momentos às diversas circunstâncias *in loco* de cada comunidade.

Para a vida cristã, celebrar a Páscoa com fervor e profundidade é elemento básico. Cada comunidade encontrará seu modo de celebrar e, respeitadas as indicações, saberá possibilitar com dignidade: o melhor horário, a preparação adequada dos envolvidos (leitores, salmistas, cantores, presidente, ministros, catecúmenos e seus pais e padrinhos), a

conscientização dos fiéis sobre a importância de celebrar a noite pascal, os elementos simbólicos necessários.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é uma simples contribuição para a reflexão litúrgica atual sobre a celebração da verdade fundamental da fé cristã: *Cristo está vivo, ressuscitou e continua presente em meio ao seu povo*. Diante de tanta riqueza espiritual e teológica, a Vigília Pascal pode ser um ótimo momento para evangelizar e tornar a comunidade ainda mais consciente de sua missão comum: anunciar, com as palavras e a vida, o escândalo maravilhoso da vitória do Senhor sobre o pecado, o mal e a morte.

REFERÊNCIAS

ADAM, Adolf. **O ano litúrgico**: sua história e seu significado segundo a reforma litúrgica. Trad. Mateus Ramalho Rocha. São Paulo: Paulinas, 1982.

AGOSTINHO DE HIPONA. **A instrução dos catecúmenos**. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____, *In Psalmum 118*, PL 37, 1463. In: MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em Oração**: introdução à Liturgia. Trad. Frei Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1992, vol. IV.

AMADOR, Cássio Henrique dos Santos; BELMAIA, Nathany Andrea Wagenheimer. O Concílio de Niceia definiu a regulamentação da data da Páscoa no século IV? **Temporalidades** – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 35, v. 13, n. 1 (Jan./Jun. 2021). Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/33188>>. Acesso: 11 set. 2021.

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os Sacramentos**. Trad. Célia Mariana F. F. da Silva. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. **Os sacramentos e os mistérios**: iniciação cristã na Igreja primitiva. Trad. D. Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 2019.

AUGÉ, Matias. **Ano Litúrgico**: é o próprio Cristo presente na sua Igreja. Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2019.

BARBOSA NETO, João dos Santos; CARVALHO, Humberto Robson de. **Catequese, liturgia e mistagogia**. São Paulo: Paulus, 2021.

BASSETTO, Bruno Fregni; MARTINS, Maria Cristina. **Peregrinação de Egéria**: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos. Uberlândia: EDUFU, 2017. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_egeria_2017_0.pdf>. Acesso: 11 set. 2021.

BEAUCHAMP, Paul. **A Eucaristia no Antigo Testamento**. In: BROUARD, Maurice (Org.). **Eucharistia**: enciclopédia da Eucaristia. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2006.

BELLOSO, Joseph M. R. **Os Sacramentos**: símbolos do Espírito. São Paulo: Loyola, 2008.

BENTO XVI. **Homilia da Vigília Pascal na noite santa**. Vaticano, 7 de abril de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_benxvi_hom_20120407_veglia-pasquale.html>. Acesso: 28 out. 2021.

BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da Igreja**: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1994.

BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BUYST, Ione. **Símbolos na Liturgia**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

CARUSI, Stefano. **La riforma della Settimana Santa negli anni 1951-1956**, não paginado. Disponível em: <<http://www.unavoce-ve.it/04-10-9.htm#8>>. Acesso: 01 abr. 2022.

CANTALAMESSA, Raniero. **O mistério da ceia**. Trad. Orlando Gambi. Aparecida: Santuário, 1993.

CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração, experiência. Trad. Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 1999.

CATTANEO, Enrico. La celebrazione liturgica della Pasqua nella Chiesa antica. **La Civiltà Cattolica**. Caderno 4099, p. 20-31, 2021, vol. II, não paginado. Disponível em: <<https://www.laciviltacattolica.it/articolo/la-celebrazione-liturgica-della-pasqua-nella-chiesa-antica/>>. Acesso: 01 abr. 2022.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses Mistagógicas**. Trad. Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 32.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: REGINATTO,

Flávia (Dir. Geral). **Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**, 2. ed., trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***. Vaticano: 1965. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso: 05 abr. 2022.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA E CARIBENHA. **A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério Pascal e a liturgia na vida da Igreja**. Manual de Liturgia IV. Trad. Herman H. Watzlawich. São Paulo: Paulus, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. ***Paschalis Sollemnitatis*** – A preparação e celebração das festas pascais. Brasília: Edições CNBB, 2018.

_____. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

_____. **Lecionário Dominical**. São Paulo: Paulus, 1994.

DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja**. Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013.

DE uma antiga Homilia no grande Sábado Santo (PG 43,439.451.462-463), séc. IV in CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas**. Aparecida: Editora Santuário, 2000, vol. II.

EUSÉBIO DE CESAREIA, **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.

FERLAY, Philippe. **Jesus nossa Páscoa: teologia do mistério pascal**. São Paulo: Paulinas, 1978.

FIORE, Carlo. **A liturgia do Povo de Deus**: a Constituição sobre a Liturgia explicada ao povo. Trad. D. Hildebrando P. Martins. Lumen Christi: Rio de Janeiro, 1966.

FONSECA, Joaquim; VELOSO, Reginaldo. **O que cantar no ciclo pascal**: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal? São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii gaudium***. Vaticano: 2013. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso: 05 mai. 2022.

_____. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*** sobre a santidade no mundo atual. Não paginado. Vaticano: 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#%C2%ABALEGRAI-VOS_E_EXULTAI%C2%BB>. Acesso: 05 mai. 2022.

GAGNON, Denis. La mère de toutes les saintes veillées. **Vivre et célébrer**. Revue de pastorale liturgique et sacramentelle. Printemps: v. 52, n. 231, p. 36-38, 2018. Disponível em: <https://www.cccb.ca/wp-content/uploads/2018/04/231-vetc_printemps_2018.pdf>. Acesso: 06 nov. 2021.

GARCÍA-MORENO, Antonio. El Cuarto Evangelio: aspectos teológicos. Pamplona, Ediciones Eunete, 1996, p. 67 apud MONSANI, Jefferson. **Vigília pascal**: história e mistagogia. São Paulo: Loyola, 2022.

GAUDÊNCIO DE BRESCIA. *Sermo 2 de Exodi Lectione Secundus*: PL 20,860-862 apud MONSANI, Jefferson. **Vigília pascal**: história e mistagogia. São Paulo: Loyola, 2022.

GIRAUDO, Cesare. **Num só corpo**: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003.

GOEDERT, Valter. A Liturgia no Concílio Vaticano II. **Revista Encontros Teológicos**, n. 62, Ano 27, n. 2, 2012, p. 81-94.

_____. **Teologia do Batismo:** considerações teológico-pastorais sobre o Batismo. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **O sacramento da confirmação:** perspectivas teológico-pastorais. São Paulo: Paulinas, 1989.

HEINZ, Andreas. A trilogia Batismo-Confirmação-Eucaristia e a primeira comunhão. In: BROUARD, Maurice (Org.). **Eucharistia:** enciclopédia da Eucaristia. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2006.

HIPÓLITO. **Tradição Apostólica.** Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1971.

JEAN-NESMY, D. Claude. **Espiritualidade Pascal.** Trad. Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulinas, 1966.

LITURGIA da Semana Santa restaurada. Trad. D. Hildebrando P. Martins, D. Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1956a.

LUTZ, Gregório. **Páscoa ontem e hoje.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MARTIMORT, Aimé Georges. **A Igreja em Oração:** introdução à Liturgia. Trad. Frei Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1992, vol. IV.

MARTINI, C. M. I segni della resurrezione, in AA.VV. Triduo Pasquale/3, Queriniana, Brescia, 1970, p. 95 apud BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da Igreja:** história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1994.

MELITÃO DE SARDES. Homilia sobre a Páscoa (séc. II), n. 65-71: SCh 123,94-100 apud CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das Horas,** Aparecida: Editora Santuário, 2000, vol. II.

MONSANI, Jefferson. **Vigília pascal:** história e mistagogia. São Paulo: Loyola, 2022.

NÚCLEO DE CATEQUESES PAULINAS. **Catequese e liturgia na Iniciação à vida cristã**. São Paulo: Paulinas, 2021.

NÚCLEO DE CATEQUESES PAULINAS; PASTRO, Cláudio. **Iniciação à liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2012.

ORDO Hebdomadæ Sanctæ Instauratus. Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1956b.

PAIVA, Hugo de V. Introdução. In: AGOSTINHO DE HIPONA. **A instrução dos catecúmenos**. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2020.

PAPA FRANCISCO. **A Santa Missa**. Coleção “Catequeses do papa Francisco”. São Paulo: Paulus, 2018.

PENNA, Romano. **A ceia do Senhor**: dimensão histórica e ideal. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2018.

PEREIRA, Jerônimo. O *Exsultet* como expressão dos sentimentos de um povo redimido. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, vol. 79, n. 312, p. 60-88, Jan./Abr. 2019.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Cerimonial dos Bispos**. São Paulo: Paulus, 1988.

SILVA, Rafael Aléz Lima da. Oração Coleta da Vigília Pascal segundo o Missale Romanum 1975: Hermenêutica exegético-litúrgica das palavras *gloria* e *spiritus* – A linguagem como reveladora do mistério. In: FELLER, Vitor Galdino (Org.). **A nobre simplicidade da liturgia**: homenagem a Pe. Valter Mauricio Goedert. Florianópolis: FACASC, 2014.